

ENSAIO:

ASSIM APRENDI COM ZARATUSTRA

Neste apêndice trata-se de um ensaio interpretativo sobre aquele que Nietzsche considerava ser seu trabalho mais importante. Não temos, de forma alguma, a intenção de apresentar uma grande interpretação que fosse capaz de exaurir todas as questões do livro ou algo do gênero. Em muitos pontos, inclusive, abre-se mão de qualquer interpretação mais detalhada e deixa-se correr o texto. O próprio formato escolhido foi o do ensaio por termos sentido que era preciso criar um texto em que o “ambiente” poético e romancado do livro estivesse presente. Se esta parte de nosso trabalho vem por último e em forma de anexo é porque sentimos que apenas após um tratamento teórico mais detalhado da filosofia de Nietzsche se poderia tentar algo assim. Repetimos não ter pretensão nenhuma ao fazer esta tentativa a não ser a de apresentar uma leitura pessoal sobre a obra prima do autor que estudamos, leitura esta que entendemos reforçar a nossa tese sobre a existência de uma ética na filosofia de Nietzsche. Salvo pouquíssimas exceções, não foram usadas passagens de outros livros e os bons comentários escritos sobre esta obra de Nietzsche, por mais que possam ter sido lidos, não serão explicitamente mencionados. Este ensaio pressupõe que o leitor já possua alguma familiaridade com o livro de Nietzsche, uma vez que as menções ao texto serão feitas de forma velada na grande maioria dos casos, além de não nos preocuparmos muito com algum tipo de caráter narrativo.

Este ensaio buscará apresentar “*Assim falou Zaratustra*” como um livro de ética, onde o protagonista se apresenta como alguém que traz novos pensamentos para os homens a fim de lhes incentivar à grandeza e lhes desviar da mediocridade, passando por várias questões anteriormente abordadas na tese. “*Assim falou Zaratustra*” apresenta a história de um sábio que, após permanecer longo tempo como eremita, retorna aos homens trazendo-lhes seus ensinamentos. Nestes ensinamentos podemos ver de forma velada, ou nem tanto, as mais importantes idéias da filosofia de Nietzsche. Acreditamos que o estudo de “*Assim falou Zaratustra*”, quando articulado com os temas da filosofia de Nietzsche abordados em seus demais trabalhos, pode ajudar a esclarecer pontos difíceis de sua filosofia justamente ao abordá-los com uma outra linguagem, uma linguagem não acadêmica e bastante lírica e

poética. Nele encontraremos sua crítica à cultura moderna, delineando como o filósofo vê os caminhos da cultura no presente; temos sua contra-proposta a este ideal moderno: o super-homem – aqui, inclusive, a idéia do super-homem aparece com muita frequência fazendo-nos entender melhor o que Nietzsche apresentou como proposta ao niilismo; Zaratustra se apresentará como mestre do eterno retorno e as passagens em que este ensinamento é apresentado podem também nos esclarecer uma vez que Nietzsche pouco falou dele em outros textos.

Neste livro, Nietzsche, através de uma fábula poética, sem fazer o uso clássico dos conceitos tradicionais da filosofia, condensa todo seu pensamento. cremos que um dos principais motivos para este formato inusitado é o de ser capaz de se desviar da linguagem tradicionalmente usada na filosofia e fortemente marcada negativamente, além de ser excessivamente provocativo quanto à forma do pensamento tradicionalmente aceito. O livro de Nietzsche foi uma espécie de resposta a tudo o que ele criticou. É uma resposta que não poderia ser mais afirmativa, pois é fortemente artística e, ao mesmo tempo, mantém a profundidade filosófica do pensamento no mais alto grau. Cabe a nós, no máximo, apenas a liberdade de uma tentativa, de uma tentação, de uma experiência, um breve ensaio.

Prólogo:

1 – Zaratustra, aos trinta anos de idade — adulto, porém ainda jovem — se retira de sua cidade natal e se torna um eremita, morando em uma caverna, no alto de uma montanha, na floresta. Zaratustra precisava de solidão e nela viveu por dez anos, gozando seu próprio espírito. A solidão é uma característica muito enfatizada por Nietzsche para aqueles que buscam a si mesmo. A independência frente a moral impõe a busca por seus próprios valores a partir de seus próprios impulsos. A solidão é esta condição necessária para o engrandecimento do próprio espírito.

Zaratustra se ausenta do convívio com os homens em busca de seus mais altos pensamentos e não se cansa com isto. Contudo, passado algum tempo, sentiu Zaratustra a necessidade de voltar a se relacionar com os homens para doar aquilo que havia aprendido e acumulado por este tempo todo. Referindo-se ao Sol, astro rei e estrela sem a qual a existência de vida na Terra seria impossível, Zaratustra diz que até para este Sol existe uma

necessidade de doação. A vida do Sol seria enfadonha se não existissem aqueles a quem ilumina. A luz e o calor do Sol são emanações supérfluas deste astro, entretanto, para nós, delas dependentes, são uma benção. *Necessidade de doar*: é isto que Zaratustra sente e, por isto, precisa retornar aos homens. É de suma importância enfatizar o caráter deste movimento de Zaratustra: ele precisa trocar com os homens, precisa se relacionar com eles, pois muito aprendeu em sua solidão sobre coisas do espírito e entende que seus ensinamentos ajudarão as pessoas a crescer.

Fica claro que a filosofia de Nietzsche trata de questões humanas e o faz de um ponto de vista ético-cultural. Este é o centro da filosofia de Nietzsche. Por isto, Zaratustra deve descer às profundezas do homem e doar-lhes seus ensinamentos. Porém, para Zaratustra, esta descida se assemelha a um ocaso, pois ele se encontra em um estado de plenitude de forças e a doação será como o transbordamento de um copo. A doação é uma característica apenas dos fortes, como o Sol, e, assim, Zaratustra se entrega à sua senda, mas não sem antes pedir a benção ao mais forte dos astros.

2 - Ao iniciar a descida de sua caverna, Zaratustra encontra um santo que morava na floresta. Este diz que Zaratustra saiu da cidade levando suas cinzas e, hoje, retorna a ela com o fogo. Se Zaratustra está abundante e precisa doar, quando se retirou da cidade estava fraco e precisando de solidão. Zaratustra se fortalece consigo mesmo em sua solidão. Mesmo assim, ama os homens e quer com eles trocar mais uma vez. Contudo, o santo sabe que os ensinamentos de Zaratustra, por serem amorais e ímpios, são como fogo para o homem de rebanho. Há uma menção clara aos riscos da autodeterminação dos próprios valores quando se vive em sociedade. O santo diz que, assim como Zaratustra, também já amou os homens, mas estes são pobres demais para seu amor. Por isto, também se refugiou na floresta, só que vive a louvar a deus. Neste ponto Zaratustra se pergunta por que foi falar de amor. Está claro que o amor de Zaratustra é diferente do amor do santo. O santo não amava os homens, em verdade, ele era apenas mais um niilista fugindo da vida. Amado a deus, agora, ama o além, o fim, o nada, ao contrário de Zaratustra, que ama os homens, isto é, a vida. *Amar a vida significa amar os homens*. Com certeza, amar a vida significa mais do que amar apenas os homens, mas sem este amor aos homens, o amor à vida torna-se questionável. Nietzsche sempre criticou a noção abstrata de humanidade e sempre duvidou

de um amor pela humanidade, mas, vemos aqui, mais uma vez, que sua filosofia trata, explicitamente, de questões humanas. O niilismo não é algo metafísico, embora a metafísica seja uma característica do niilismo. Se o niilismo é algo de humano, trata-se de pensá-lo aí, e de aí propor outra vida e outros valores. É o que Zaratustra pretende ao descer de sua caverna na montanha. Ao final deste ponto aparece a primeira menção, ainda pouco esclarecedora, sobre a morte de deus. O santo fala de deus, mas deus não estaria morto?

3 – Zaratustra se dirige à praça pública, onde estava programado um espetáculo de entretenimento para a massa. Lá, profere a todos um discurso. Zaratustra faz uma crítica ao homem tal qual o conhecemos hoje. Um homem que, por mais que tenha “progredido” de seu antigo estado animalesco, ainda tem muito de macaco em sua forma de ser. Neste ponto apresenta-se o grande ensinamento de todo o livro: o super-homem. Tal ensinamento não se dissocia dos demais ensinamentos como morte de deus e vontade de potência, mas Zaratustra desceu aos homens para falar-lhes do super-homem, o super-homem é o sentido de todos os ensinamentos, a meta da cultura, a opção ao niilismo. Diante de um homem fraco e impotente, a proposta é por uma elevação, um fortalecimento de tal ordem que se possa falar em outra espécie. “O homem é algo que deve ser superado”.

A primeira dica que Zaratustra nos dá é que *permaneçamos fiéis a Terra*, ao nosso planeta. A crença em determinadas religiões e deuses fez com que o homem desprezasse a própria vida, desprezando, assim, a Terra. Mas trata-se, justamente, de valorizar a Terra e a vida. Depois de dois mil anos de cristianismo, é preciso reacender a chama do amor pela vida. É este deus, de certos cristianismos, que morreu. Agora, a valorização da vida é o principal ponto na luta contra o niilismo e contra a cultura da mediocridade, na luta por si mesmo, na luta por um super-homem. Se, antes, o sentido da Terra era tido como algo obscuro, pertencente à vontade divina, revelada pelo pastor, agora fica claro que o futuro da Terra e da vida na Terra depende apenas do homem e de sua capacidade de se enxergar assim responsável. O super-homem, como proposta de auto-elevação do homem, é uma proposta que depende da *vontade* do homem, é preciso *querer* o super-homem, é preciso *querer e criar* o sentido da vida e da cultura na Terra. Esta é a grande mudança do mundo contemporâneo em relação ao passado: agora se pode decidir conscientemente a que caminhos seguir, individual e coletivamente.

É interessante que este super-homem, longe de ser algo agradável e que seria de bom grado a todos buscá-lo, decorre, na verdade, de um ocaso, de um perecimento. É preciso que o homem atual, com todos os seus valores, suas crenças e suas felicidades, pereça. Este homem é um rio imundo. Somos todos rios imundos. (Imundos em um sentido amoral, isto é, somos imundos não por sermos pecadores, mas por sermos medíocres) Seremos capazes de nos enxergar assim? – Caso não sejamos, certamente é por falta de rigor na crítica! Aliás, uma superficial satisfação consigo mesmo, um grande apreço por sua pequena felicidade é característica do animal de rebanho. O super-homem, ao contrário, é a hora do grande desprezo. Há um momento em que até a felicidade se converte em náusea. Há um momento em que os frutos de uma cultura mesquinha se mostram tão medíocres que se percebe o quão ridículo é o espetáculo de nossa busca por esta pequena felicidade. No momento em que a felicidade, a razão, a virtude, a justiça e a compaixão se apresentarem como valores incapazes de dar sustentação à existência o niilismo se tornará aparente. Neste ponto, será preciso desprezar estes valores, que foram os mais caros ao homem até aqui. Desprezá-los, pois ficará claro que tais valores levam o homem não ao seu apogeu, como ainda acreditam alguns, mas ao seu mais baixo grau.

4 – Nietzsche começa este ponto falando justamente do perigo da vida, isto é, do perigo que viver representa. Sendo o homem uma ponte entre o animal e o super-homem, a vida é a travessia da ponte. Travessia perigosa de transpor, perigoso olhar para trás, parar, tremer. Mas o que há de grande no homem, diz Zarathustra, é que ele é esta ponte, ou seja, uma transição. A partir deste ponto, Zarathustra enumera uma série de características do homem que seria esta ponte. Ele é sempre aquele que quer seu próprio ocaso, pois quer o super-homem. “Amo os que não vivem senão no ocaso, porque estão a caminho do outro lado”. Como já foi falado, trata-se de se arriscar na experiência da busca de um outro patamar para a existência. Assumir os riscos de uma outra vida, assumir os riscos da criação de outros valores, nem que isto signifique a própria morte. Este é um passo em direção ao super-homem.

Em uma das últimas frases, Zarathustra diz que quem tem o espírito e o coração livres tem a cabeça como uma víscera do coração. Nietzsche sempre priorizou os afetos emotivos ao invés da razão. Saber ouvir ao seu próprio coração e ter coragem para segui-lo

são, talvez, os pontos mais importantes de toda a filosofia de Nietzsche. Aí, não há espaço para a moral. A grandeza de espírito e em obras decorre da grandeza de um coração pleno de amor e coragem para este amor.

5 – Um dos discursos mais importantes do prólogo. Aqui se apresenta e se descreve os caminhos atuais da humanidade, aquilo que ela está se tornando quase que como um ideal: *o último homem*. O texto fala por si próprio, sem muita necessidade de interpretação. “Já é tempo de o homem estabelecer a sua meta. Já é tempo de o homem plantar a semente da sua mais alta esperança. Seu solo é ainda bastante rico para isso. Mas, algum dia, esse solo estará pobre e esgotado, e nenhuma árvore poderá mais crescer nele. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem não mais arremessará a flecha do seu anseio para além do homem e em que a corda de seu arco terá desaprendido a vibrar! Eu vos digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si, para dar à luz a uma estrela dançante. Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem não dará mais à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, que nem sequer saberá mais desprezar-se a si mesmo. Vede! Eu vos mostro *o último homem*.”

A multidão, após criticar a idéia de super-homem, clama pelo último homem. Este é o ideal da modernidade, este é o atual sentido da Terra. É contra este estado de coisas que se dirige a crítica de Nietzsche. Este último homem é um homem pequeno, mesquinho, conformado, sem anseios de crescimento, sem desejos nem força. A humanidade possui, ainda, uma bagagem cultural que a permite viver, se desenvolver e crescer. Mas o atual estado da cultura tende a empobrecer cada vez mais este solo. Não é à toa que o último homem diz que inventou a felicidade. Para ele a felicidade é a homogeneização de todos, sem o diferente, sem a exceção, ele pode se sentir feliz em sua mediocridade. É a felicidade do rebanho, que se torna náusea, pois não é capaz de produzir nada de grande ou de belo. Ao final, Zaratustra chama a atenção para o caráter gregário da modernidade. “Nenhum pastor e um só rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais; e quem sente de outro modo vai, voluntário, para o manicômio.” A força de homogeneização deste processo é tão grande que aquele que pensa de forma diferente sofre tanto que poderia se direcionar ao manicômio. É possível que ele próprio se sinta realmente louco, tamanha a força do processo homogeneizador. Por isto, há a necessidade não somente da solidão, mas da

capacidade de nela se fortalecer e manter-se sereno, com clareza de pensamento, para se poder enfrentar tudo isto.

6 – Enfim, começa a apresentação do funâmbulo na praça em que Zaratustra proferia os discursos. Sobre uma corda estendida entre duas torres tenta passar este homem que foi adestrado para tal serviço. Alguns entendem ser fácil ver aqui a menção ao super-homem, sendo o funâmbulo o homem que tenta fazer a travessia. Aqui ocorre a primeira aparição do chamado espírito de gravidade. Aparece sob a forma de um palhaço que insulta e depois derruba o funâmbulo, saltando por cima deste, que morre. Quem seria este espírito de gravidade que derruba o homem de seu caminho e o mata? E por que estaria na forma de um palhaço? – Parece-nos que seria algo interessado em que o homem não siga seu percurso, algo responsável por manter o homem a meio caminho entre o animal e o super-homem. Pode ser a moral, a Igreja, a má consciência, a boa consciência de um animal de rebanho, o medo... Não sabemos...

O funâmbulo conversa com Zaratustra antes de morrer e diz que se sente apenas como um animal adestrado em quem o diabo deu uma rasteira. Mas Zaratustra diz-lhe que é um homem digno, pois fez do perigo seu ofício. Diz-lhe também que não há diabos ou coisas assim. Mais uma vez apresenta-se com clareza a questão de que é preciso pensar o sentido da vida e da Terra de um ponto de vista humano, como criação e não como determinismo religioso ou metafísico. Todos na praça aguardavam o entretenimento a ser proporcionado pelo espetáculo, mas ninguém se pôs a ajudar o funâmbulo quando caiu, apenas Zaratustra.

7 – Zaratustra se percebe longe dos homens. Sua fala em praça pública não atingiu ninguém, a não ser um cadáver e, mesmo assim, acidentalmente. Como ensinar o super-homem?

8 – Ao sair da cidade pela noite, Zaratustra é abordado pelo mesmo palhaço que saltara sobre o funâmbulo à tarde. Este lhe diz que os bons e os justos assim como os homens de fé daquela cidade odeiam Zaratustra. Somente não o mataram, pois entenderam-no como um palhaço. Os ensinamentos de Zaratustra não são aceitos neste contexto e serão fortemente

criticados e proibidos. Forte é a pena para aquele que segue um caminho amoral. A incompreensão em relação a aquele que pensa de forma diferente do homem de rebanho desenvolve-se em ódio e ostracismo. Zaratustra segue seu caminho e encontra-se, ainda, com algumas pessoas que caçoam e riem dele, desprezando-o. É assim que aqueles que criam seus próprios valores são tratados pela cultura moderna do animal de rebanho. Zaratustra segue sozinho e com fome pela floresta carregando o morto e encontra uma casa, onde um eremita lhe oferece pão e vinho e quer que o morto também coma. Parece não se importar com o fato de que esteja morto.

9 – Outro parágrafo importantíssimo na compreensão de toda a filosofia de Nietzsche e de toda a proposta de Zaratustra. Repentinamente, como muitas vezes nos surgem grandes pensamentos, Zaratustra chega à conclusão de que precisa, em verdade, de *companheiros*. Zaratustra percebe que agira como um pastor ao falar a todos em praça pública. Parecia estar buscando fiéis para uma seita. Mas, é sempre uma minoria de pessoas que se coloca de forma verdadeiramente crítica diante do mundo que têm à frente. Ao falar a todos, atinge-se a maioria, o rebanho, a massa, atinge-se pessoas que se mostram satisfeitas com o atual estado de coisas. Como a homogeneização na mediocridade torna a todos iguais, não há necessidade de grandeza, há a segurança na mediocridade. Quando todos são iguais, pode-se excluir a exceção, o diferente. Zaratustra entende que precisa se ligar àqueles a quem possa chamar de companheiros, àqueles que o sigam porque querem seguir a si mesmos e o abandonarão se necessário. Zaratustra percebe que não deve agir como pastor e formar um rebanho, ao contrário, deve atrair para fora do rebanho aqueles capazes de auto-afirmação frente à moral. Referindo-se ao seu encontro anterior com o palhaço, Zaratustra diz quem são aqueles que se intitulam os bons e justos: são os pastores do rebanho, são os que defendem as regras diminuidoras do homem e odeiam aqueles que não seguem sua moral, são aqueles que praticam os valores estabelecidos e exigem que estes sejam praticados pelos demais. Contra estes, Zaratustra clama por companheiros. Quem são estes companheiros? – Aqueles que quebram as tábuas de valores, os destruidores, que são também os criadores de novos valores.

Zaratustra procura participantes na criação e aqueles capazes de colher o fruto desta criação. Através da criação de novos valores pode se dar alguma transformação. É a vida,

comprometida consigo mesma, que, ao viver a si mesma na plenitude de sua paixão transforma o mundo. Isto quer dizer que é o homem, comprometido com seu coração e com sua vontade, que, a partir do pensamento crítico sobre o niilismo e sobre a modernidade, através da prática de seus próprios sentimentos e valores, transforma o mundo. O fortalecimento do homem nobre, que quer transformar a cultura e transvalorar os valores, se dá pela sua união com pessoas de sentimento próximo, pessoas que também tenham vontade e coragem para seguirem a si mesmos. A filosofia de Nietzsche não é individualista. O respeito à individualidade é fundamental, mas, mesmo Zarathustra precisa de companheiros.

10 – Aparecem os animais de Zarathustra. O mais altivo (águia) e o mais prudente (cobra) entre os animais sob o Sol. Zarathustra fala mais uma vez como é perigoso o caminho daqueles que se propõe a ser a ponte para o super-homem. Por isto, necessita da prudência. Mas não uma prudência medrosa e sim uma prudência ativa, exuberante, forte e corajosa para enfrentar os perigos que hão de vir. Outro ponto a se notar é o fato de que a águia é predadora natural da cobra. Porém, aqui, são companheiras. Talvez porque queiram também crescer e se fortalecer, vendo nesta união uma força maior do que a relação que possuíam anteriormente.

1ª Parte

Das três metamorfoses – Neste árduo caminho para tornar-se si mesmo, em busca de, assim, ser também uma ponte para o super-homem, o espírito passa por três metamorfoses. Primeiramente, o espírito crítico e forte, ao se deparar e pensar seriamente sobre a moral de rebanho, sobre o mundo niilista, inicia uma jornada que mais se parece com a de um camelo. Por sofrer diante de um mundo em decadência, termina por se responsabilizar e, até mesmo, se culpar diante de tanta podridão. Incumbe-se de carregar, assim, pesados fardos e, de certa forma, machuca a si mesmo, como que testando sua própria força. Este é um momento difícil, em que se busca seu próprio deserto, quer-se conhecer melhor a si mesmo e a seus sentimentos. Em meio a estas reflexões, caso continue seu caminho em direção a si mesmo, percebe que terá que enfrentar grandes lutas no decorrer deste. É

preciso, pois, que seu espírito se torne leão. É preciso saber por que sofre, por que não pode ser livre, a quem estaria ele preso por algum dever que não se lembra de ter prometido.

O leão é aquele que quer conquistar sua própria liberdade e tornar-se senhor de si e de seu deserto. Para isto, é preciso que seja independente em relação aos valores já estabelecidos. O leão precisa ser forte o suficiente para dizer “não” a todo dever moral que lhe é imposto. Contra a moral, o leão é capaz de opor a sua própria vontade, “eu quero”, diz o leão, contra toda e qualquer imposição moral que se lhe oponha. *O que se opõe à moral é a vontade*, o querer, quando se quer algo proibido moralmente, é a vontade que deve prevalecer sobre a regra. Não é tarefa fácil. Sem perceber, muitas vezes nos deixamos levar por valores milenares e que, quando rigorosamente escrutados, não nos falam ao espírito, ao contrário, muitas vezes seguimos coisas que nos destroem e enfraquecem, ao invés de nos fortalecer. Muitas vezes o pensamento crítico acerca dos valores que se pratica nos leva a conclusões que nos colocam diante de grandes decisões. A resposta nestes momentos só pode ser dada por si mesmo, nunca pode vir de fora, senão se constituiria em outra moral. A força necessária para seguir seu próprio coração nestes momentos, a despeito de toda moral, é a força do leão. Somente o espírito de leão é capaz de conquistar o direito de criar seus próprios valores e de seguir seu próprio caminho rumo a si mesmo.

Mas ainda falta a última transformação: a do leão em criança. Uma vez conquistada a liberdade frente a moral, trata-se então de criar seus próprios valores. Para que seja possível este novo começo, livre dos pesados fardos de antes e vencido o dragão da moral, é preciso o esquecimento dos valores antigos e a criação de novos a partir da total inocência de uma criança. A criança é sempre a mais sincera, pois é também a mais inocente. É esta inocência nos atos e nos sentimentos que é preciso resgatar.

Das cátedras da virtude – É muito comum dizer que, quem realiza algo de errado não dorme bem, pois terá problemas de consciência e ficará pensando neles. A proposta deste sábio é apenas a de que não se deve fazer nada que seja considerado errado e que, vivendo assim, buscando pequenas felicidades e rindo das coisas simples se terá uma boa vida. Trata-se ainda de seguir valores estabelecidos e se sentir bem por ser obediente. Contudo, esta sabedoria não inclui um sentido e uma direção para os sonhos, “era a sabedoria do sono sem sonhos”. Zaratustra diz que, caso sua vida não tivesse sentido algum,

possivelmente agiria assim. Mas sabemos que Zaratustra é um passo em direção ao super-homem e, desta forma, seu espírito não está em busca de adormecer.

Dos transmudanos – Neste discurso diz-se que até mesmo os deuses aos quais se deveria dedicar a vida em nome da salvação eterna são criações humanas. Uma criação humana que se apresenta como vinda de um além e que nos exige a vida. Este deus é, na verdade, um fantasma. E Zaratustra, ao pensar sobre isto, faz com que o fantasma desapareça. Este deus é um valor e Zaratustra cria então outro valor, um valor que seja afirmativo da vida. Este deus transmudano, que nega a vida e o corpo, que nega a Terra e o homem, é uma criação de pessoas decadentes, pessoas que sofriam e não tinham explicação para seu sofrer. O sofrer sem sentido fez com que tais sofredores criassem um deus que fizesse sofrer a todos. Mas quem criou este deus ainda foram os homens, isto é, seus corpos doentes. Zaratustra diz que o homem deve valorizar seu próprio corpo como a voz mais honesta e pura, criando assim o sentido da terra. “Não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestes, mas, sim, trazê-la erguida e livre, uma cabeça terrena, que cria o sentido da Terra!” Os transmudanos criaram um sentido para a Terra: o além. Trata-se de criar um novo sentido para esta mesma Terra: o super-homem.

Dos desprezadores do corpo – Logo após criticar os que denigrem este mundo em nome de outro mundo além, chamando a atenção para o fato de que foram os próprios homens e a fraqueza de seus corpos que criaram esta ilusão metafísica, Zaratustra faz a crítica também daqueles que desprezam o corpo. O desprezo ao corpo em nome de uma alma está a serviço das mesmas forças que o desprezo do mundo por um além. Este desprezo ao corpo decorre justamente da fraqueza deste próprio corpo. Aquilo que se chama alma e sentidos nada mais são do que instrumentos do corpo. O corpo é uma espécie de grande razão, “uma multiplicidade com um único sentido”. Todo o resto existe em função desta grande razão que é o próprio corpo. O corpo possui sua própria razão e seus próprios caminhos que vão muito além do entendimento humano. O pensamento também é uma função do corpo, serve a ele e, por vezes, contra ele se volta. Neste caso, a busca por fatores além do corpo esconde um corpo que “quer morrer e volta às costas à vida”. Os desprezadores do corpo

são aqueles que não conseguem criar para além de si mesmos. A meta contrária é o super-homem.

Das alegrias e das paixões – Quando falamos em seguir as paixões e espiritualizá-las, trata-se de torná-las virtudes. Virtudes não em um sentido moral, pois esta palavra foi usada com frequência na história da filosofia para se definir os valores morais aceitos e estabelecidos como bons, mas em um sentido ético. A virtude é a paixão espiritualizada, é o impulso que move todo o ser em direção à grandeza. Virtude aqui entendida como aquilo que lhe é primordial, aquilo que se ama e que se quer acima de tudo. Algo como o motor de sua própria existência. “Um tempo, tivestes paixões e as dizias más. Agora, porém, restam-te somente as tuas virtudes: brotaram das tuas paixões. No centro dessas paixões puseste o teu alvo mais alto: tornaram-se elas, então, as tuas virtudes e alegrias. E, ainda que fosses da raça dos coléricos ou dos voluptuosos, dos fanáticos ou dos vingativos, todas as tuas paixões, por fim, tornaram-se virtudes e todos os teus demônios, anjos. Noutra tempo, tinha cães ferozes no porão da tua casa; no fim, porém, transformaram-se em maviosas aves cantoras.”

O tempo em que se negavam as paixões foi um tempo moral, agora, sabe-se que é da espiritualização das mesmas que nasce a grandeza. As paixões podem ser destrutivas e nocivas, são como cães e monstros, como demônios. Mas a prisão em jaulas morais não eleva o homem, apenas o controla. O caminho da grandeza de um super-homem passa por esta transformação do animalesco em sublime, da paixão em virtude. Cada um tem a sua própria virtude e é única. Não se pode compartilhar o que há de específico em si mesmo e é justamente este impulso único que move um ser específico que é a sua paixão e a sua virtude única. “Inexprimível e sem nome é o que faz o tormento e a delícia da minha alma, e que é, também, a fome das minhas entranhas”. Esta é a virtude: tormento e delícia. A virtude aqui não é algo apenas bom e louvável. É, antes, o impulso vital que nos move a fazer aquilo que queremos. Algo que pode ser agradável, mas também perturbador. Algo como, por exemplo, a filosofia foi para Nietzsche. Mesmo quando pensava que morreria, ou quando as dores lhe eram insuportáveis e o suicídio passava-lhe pela cabeça, a vontade de pensar o que pensou e escrever o que escreveu, a vontade de quebrar a história da humanidade ao meio, deu-lhe força para seguir adiante. É verdade que nem todas as

virtudes são tão fortes assim, mas um bom caminho para fortalecê-las é tê-las em menor número possível. Uma só, como era o caso de Nietzsche, é o que recomenda Zaratustra como sendo o melhor, pois as virtudes disputaram entre si o corpo ao qual pertencem e sua força sempre ficará comprometida, se comparada com o caso onde fossem apenas uma.

Do ler e do escrever – Discurso maravilhoso, porém difícil de escrever sobre ele. “De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito”. Opondo-se a todo tipo de erudição inútil ou charlatanismo acadêmico, a escrita somente deve ser a máxima expressão do espírito. Não o escrever por escrever, não o escrever por profissão, mas o escrever por não haver outra opção. O espírito em letras, isto é sangue. Nietzsche escreveu com sangue não só porque seus pensamentos o faziam sofrer e temer os lugares aonde chegava, mas principalmente porque escreveu com o coração. Tais escritos tentam traduzir pensamentos sublimes e pensar não é tarefa fácil. Nietzsche tenta formular o pensamento que ultrapasse o niilismo e, assim, quem sabe, consiga atingir aqueles que, como ele, também querem ultrapassar este momento difícil da história. Mas sabemos que é difícil encontrar aqueles que entendam ser preciso fazer esta travessia, ainda mais aqueles que estejam dispostos a fazê-la, ou, pelo menos, tentá-la. “Corajosos, despreocupados, escarninhos, violentos — assim nos quer a sabedoria: ela é mulher e ama somente quem é guerreiro.” O caminho para as alturas, longe de ser um caminho ascético, é um caminho de guerreiros. É preciso experimentar a aventura rumo a si mesmo, que é o primeiro passo em direção ao super-homem. Ao final desse texto, Nietzsche nos dá um exemplo de escrita com sangue, o texto vai se tornando cada vez mais belo e leve. Escrever com sangue não precisa ser algo pesado, ao contrário, a altura do espírito se assemelha ao vôo de um pássaro, a sabedoria de um deus se assemelha a uma dança.

Da árvore no monte – Eis que Zaratustra encontra um jovem. A juventude é a idade onde começa o desejo por crescimento e liberdade. Entretanto, Zaratustra diz que quanto mais se almeja e se alcança o alto, mais se desce, ao mesmo tempo, às profundezas e à maldade. Por que? – Porque se elevar significa, também, se desprender de toda a moral e se guiar pelos próprios instintos. Porém, com isto, até os maus impulsos querem vir à tona. “Sair

para a liberdade querem os teus cães ferozes”. A moral não é mais a segurança aceita para contê-los, mas isto não quer dizer que se está a salvo. Por isto o caminho ético de autodeterminação é muito perigoso, é preciso conceder a liberdade a todos os instintos e ser forte o suficiente para a eles não sucumbir. Deflagrar a guerra dos impulsos e crer que o mais forte e vencedor será um impulso engrandecedor e não algo menor. Aqueles que sucumbem aos impulsos selvagens tornam-se zombadores, libertinos, apenas destruidores, “vivem em prazeres de breve duração e já não lançavam meta alguma para além do mesmo dia”. Há o perigo da vitória dos cães selvagens, mas não se pode mantê-los presos à moral. Esta é a purificação de que fala Zaratustra, não mais buscar a liberdade tendo que combater os impulsos contraditórios, mas ter a certeza da força de seu amor e de sua esperança. A meta, o amor, a virtude, a grande paixão dominante são a esperança. Não uma esperança de que algo se realizará por si, mas a esperança na grandeza do próprio espírito, a esperança na força dos impulsos primordiais que se tornarão virtudes, purificando o espírito e tornando-o verdadeiramente nobre. Outra dificuldade não pequena é que nos momentos mais difíceis deste caminho, não há a quem recorrer. Quando se decide pela autodeterminação, não há aquele que possa ajudar com precisão, pois poucos são os que seguem o próprio caminho, e menos ainda os que não desistem no meio e se tornam inimigos dos novos tentadores. Daí a necessidade de um mestre. Não só Zaratustra precisava doar, mas sabia da necessidade que aqueles sedentos de si tinham de alguém em quem pudessem confiar e ganhar mais segurança.

Dos pregadores da morte – Mais um discurso contra os que negam a vida, seja em nome do além seja por falta de justificativa metafísica para o sofrimento. Com relação a estes, Zaratustra diz: “Gostariam de estar mortos; e nós deveríamos, realmente, aprovar-lhes a vontade!” Os que pregam a morte são também aqueles que pregam a vida eterna.

Da guerra e dos guerreiros – Zaratustra profere este discurso a seus irmãos de guerra. Isto quer dizer que ele, mesmo que não seja um guerreiro, participa da mesma guerra que seus companheiros. Neste percurso que estamos aqui descrevendo, chama-se a atenção neste discurso para a importância da guerra. Da guerra contra a moral e o niilismo, em nome de um pensamento maior: o super-homem. Nossa dúvida é quando Zaratustra diz que, para o

guerreiro, o ‘tu deves’ é mais agradável que o ‘eu quero’. Seria o guerreiro um tipo diferente daquele que passa pelas três transformações do espírito e de quem estamos falando todo o tempo? É verdade que Zaratustra diz que a ordem a que devem seguir os guerreiros é o pensamento que está posto deste o prólogo, a saber, que “o homem é algo que deve ser superado”. Isto certamente faz com que os guerreiros estejam do mesmo lado que Zaratustra e seus companheiros. Mas seria este tipo guerreiro um companheiro de Zaratustra tal qual o entendemos até agora? Acredito que não. Mas, então, quem seria? Um tipo que não seja forte o suficiente para se elevar ao tipo nobre, mas que participa da luta pela transvaloração? Talvez, para aqueles que não chegam a mandar em si mesmo, ou que são repletos de ódio e inveja, a melhor opção seja se tornar um guerreiro, isto é, uma peça fundamental no processo transvalorador, mas que obedece, pois não sabe mandar em si mesmo.

Do novo ídolo – O Estado é o novo ídolo, pode até mesmo substituir deus como fiador da segurança do rebanho. Zaratustra critica duramente o Estado, pois o governo, em sua forma contemporânea, se tornou um entrave a mais para a verdadeira cultura. O Estado é o contrário de povos. Um povo é uma identificação mútua entre as pessoas diante de costumes, valores e metas em comum. Por mais que se reconheça algo próximo a isto nos países de hoje, também pode se reconhecer facilmente que o Estado mente em todos os países. Nenhum Estado no mundo faz o que diz fazer, todos são demagógicos, todos almejam apenas o poder, todo usam o povo como um instrumento de seus próprios interesses pessoais. Tudo no Estado é falso. Aqueles que lutam pelo Estado são supérfluos. O Estado não é capaz de promover a cultura, apenas de usá-la a seu favor e, com isto, dizer que está promovendo a cultura. Zaratustra diz com todas as letras, a alavanca do poder é o dinheiro, e quanto mais ricos se tornam os homens supérfluos do Estado, mais pobres ficam. Este ponto é importante, pois a riqueza e nobreza a que almejam Nietzsche e Zaratustra é a de espírito e, muitas vezes, a riqueza material tem por consequência uma perda do espírito. “Na verdade, quem pouco possui, tanto menos pode tornar-se possuído: louvada seja a pequena pobreza!” O homem nobre não precisa de muito, seu espírito já lhe dá o que precisa. Em contrapartida, a forte crença no dinheiro é uma crença pobre de espírito. Chamando, mais uma vez, a atenção para a urgência do tempo — como quando

disse que o solo do homem era ainda rico o suficiente para que possa lançar uma semente com um anseio (prólogo #5)— Zaratustra diz que ainda há espaços na Terra que estão livres para a solidão das grandes almas. Embora estejam acabando. E termina: “Onde o Estado *cessa* — olhai para ali, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e a ponte do super-homem?”

Das moscas e da feira – Zaratustra compara o mundo hoje com uma feira, uma enorme algazarra, onde se fala muito e se pensa pouco. Os famosos estão na feira, Zaratustra aconselha a distância da feira. Quando Zaratustra falou a todos, não foi compreendido, passou então a procurar por companheiros. Zaratustra tem uma proposta para a humanidade, superar-se. Mas a massa de rebanho não quer esta proposta, a pequena felicidade e a mesquinha são alimentos suficientes para a maioria. A feira é onde se encontra essa maioria. Para aquele que quer crescer e transvalorar todos os valores, a solidão é indispensável. É no momento em que se está a só consigo mesmo que se dá a caminhada. O homem baixo ataca o forte como faz uma mosca venenosa. Pequenas provocações em nome dos valores estabelecidos, que não são seguidos pelo forte, mas que são insistentemente cobrados com escárnio, terminam por machucar. Não cabe a aquele que busca a nobreza de espírito convencer o animal de rebanho da diferença de grau nessas questões, apenas se sofre mais com isto. Por isto Zaratustra aconselha a solidão para longe da feira. “Foge, meu amigo, foge para tua solidão e para lá onde sopra um vento rude e vigoroso. Não nasceste para enxota moscas.”

Da castidade – O impulso sexual é um dos mais fortes que existem. Todos somos ou já fomos, de uma maneira ou de outra, arrebatados por tal impulso. Para grande maioria das pessoas “nada de melhor conhecem, na terra, do que dormir com uma mulher”. São desta natureza também, muitos dos impulsos que tentamos enjaular. Um forte e controverso impulso é um prato cheio para a moral. O sexo é um dos pontos onde ela se instala de maneira mais impregnante. O impulso sexual é um impulso controverso e difícil de lidar, é fácil dele se tornar escravo ou dele querer-se livrar para sempre. A castidade é o impulso controlador da concupiscência, no sentido de medida. Zaratustra não aconselha que se reprima o impulso sexual, quer apenas a inocência do mesmo. Quando falávamos dos

impulsos selvagens e que, a busca por liberdade exigia, não só que fossem conhecidos, mas também que fossem libertados, mas que a liberdade mesma seria o bem conviver com tudo isto, falávamos da inocência dos sentimentos. A inocência é uma chave para se viver os impulsos.

De mil e um fitos – O que define um povo é sua história comum. As pessoas se identificam umas com as outras e têm orgulho daquilo por que passaram. Assim, criam suas leis. Um povo é aquele que cria seus valores e suas leis. Os valores são a expressão da superação de um povo, daquilo que lhe foi mais caro e difícil e, por isto, também é o mais valorizado. Ou seja, é a vontade de potência que cria os valores. Mas é importante perceber que os valores de um povo são, necessariamente, diferentes dos de outros povos. É isso que os diferencia, e os povos têm orgulho desta diferença. Zaratustra deixa claro que “foram os homens a dar a si mesmos o seu bem e o seu mal.” Todos esses valores dos quais os povos se orgulham, não são de ordem metafísica. É o homem quem confere sentido às coisas. O homem é aquele que avalia e avaliar é criar. O povo é uma criação de homens fortes. A existência terá o sentido que formos capazes de atribuir-lhe. Não existe sentido prévio. É o homem que avalia e, assim, cria; é ele que cria e, assim, dá sentido, o seu sentido, o sentido de sua vontade de potência. “Mudança dos valores — é mudança dos criadores. Sempre destrói, aquele que deverá ser um criador.” A transvaloração passa pela destruição dos valores da decadência e pela afirmação da vida como valor. Zaratustra fala sobre um sentido para toda a humanidade. A humanidade caminha ainda sem rumo. Zaratustra quer-lhes ensinar o super-homem. Com isto, Nietzsche pretende criar um valor afirmativo da vida para toda a humanidade. Mas a humanidade ainda segue seu caminho às cegas. Talvez porque ainda não exista o que se costuma chamar por humanidade. A idéia de humanidade carece de algo que a defina para além do conjunto amorfo de seres humanos, é preciso uma meta de crescimento conjunto, uma grande política em direção ao super-homem.

Do amor ao próximo – Durante muito tempo, a moral do amor ao próximo foi pregada como mais importante do que o amor a si mesmo. É uma forma de esconder o descontentamento consigo e com a vida. É preciso saber ficar a sos consigo mesmo e a gostar de si. Ao invés deste amor ao próximo, onde se escondem inúmeras filosofias da

negação da vida, Zaratustra aconselha o amor ao distante, ao futuro, ao super-homem. Ser capaz de se atribuir uma tarefa longa e difícil, isto é a grandeza. Com isto, a “humanidade” cresce muito mais do que com a compaixão.

Do caminho do criador – Mais um discurso em que ficam claras as intenções dos ensinamentos de Zaratustra. O caminho para o crescimento que Zaratustra está a falar, o caminho para uma ultrapassagem do homem, o caminho para super-homem, este é o caminho para si mesmo. Tornar-se si mesmo: esta máxima pode parecer fácil e nos dar a entender que nada mudaria caso a assumíssemos como vontade. Mas assim parece apenas a um olhar superficial e a quem jamais a levou a sério. Tornar-se si mesmo, descobrir qual a vontade que quer vir à tona e fazer da vida a realização desta vontade. Qual é esta vontade? Isto também quer dizer, para quê tornar-se livre? É uma vontade em direção ao super-homem?

Neste caminho, trata-se de fazer da própria vontade uma lei a qual se estará submetido e a qual se fará todos os esforços para que se realize. Neste caso, somente a própria pessoa pode ser o juiz desta lei. No começo da caminhada, ainda se tem coragem e esperanças, mas o caminho para si mesmo nos afasta de todos e de toda moral. O solitário é desprezado pelo rebanho, mas é preciso que este solitário despreze a si mesmo antes, pois ele quer que a vontade se realize e, para isto, ele mesmo terá que perecer, em nome de sua vontade. Mesmo assim, caso consiga brilhar, deve fazê-lo para todos, não só para seus companheiros. “Mas o pior inimigo que podes encontrar serás sempre tu mesmo (...) Solitário, percorres o caminho no rumo de ti mesmo! E teu caminho passa por ti mesmo e pelos teus sete demônios!” O caminho em direção a si mesmo é recusado e sequer pensado porque se separar da moral é algo difícil, uma vez que será preciso determinar a si mesmo os próprios valores. Isto implica em conhecer os próprios demônios e a grande maioria foge de seus próprios demônios. É preciso transformá-los em algo criador e grandioso, para tanto, trata-se de novo de se fortalecer e se aproximar do seu próprio amor, de sua própria e mais forte vontade. Fazer com que esta vontade se torne virtude e amor e vença todos os demônios. A atividade criadora é a arma do amor. Esta é uma batalha que se trava sozinho.

Da virtude dadivosa 1 – Zaratustra despede-se de seu discípulos, dizendo querer caminhar sozinho. Mais uma vez apresenta-se a necessidade da solidão. O caminho de si é um caminho solitário. Dedicar a vida a si mesmo é um egoísmo. Mas um egoísmo que tem por fim a produção de uma virtude dadivosa. Todo este engrandecimento seria de pouco proveito se não transbordasse para os demais. Zaratustra sente necessidade de descer até os homens novamente e dar-lhes aquilo que considera de mais valioso. Aquilo que se consegue tornando-se si mesmo é sua mais alta virtude, é aquilo que se tem de maior valor e é aquilo que deve ser doado, sem que se fique mais pobre por isto. Neste ponto, a dádiva é, na verdade, o fim do egoísmo. Não porque a dádiva seja moralmente melhor do que o egoísmo, mas porque faz parte dos frutos do egoísmo serem desfrutados. Toda fruta saborosa quer ser saboreada. Caso contrário, seria um desperdício. O caminho do crescimento é um caminho solitário, mas é preciso doar aquilo que se alcança com esta solidão. Somente assim se enriquece o mundo. A ética de Zaratustra visa homens que enriqueçam o mundo. A virtude dadivosa é antagônica a outro pensamento: àquele pensamento que diz: “Tudo para mim”. Estes, quanto mais conseguem, mais pobres ficam. Esta moral da ganância e do egoísmo excessivo causa horror a Zaratustra. É um sinal de degeneração. A virtude é aquela que se apodera de todas as demais e confere um sentido para a vida de seu possuidor, da qual já falamos outras vezes. “Quando vos anima uma só vontade, quando essa transformação de todas as necessidades chama-se, para vós, o indispensável: ali está a origem da vossa virtude”.

Da virtude dadivosa 2 – Zaratustra fala de novo do sentido da Terra, da importância de conferir um sentido humano para a Terra, um sentido que engrandeça a vida, o corpo, os instintos. A história da humanidade é, ainda, acaso, mas temos já a capacidade de conferir um sentido a toda a vida na Terra, e um sentido de grandeza. Trata-se de um caminho duplo: primeiro, engrandecer a si mesmo, tornar-se grande e de bem com tudo o que se é. Depois, doar essas virtudes em direção a uma vida mais plena. Os possuidores de uma virtude dadivosa ainda são os solitários, mas serão um povo. Aqueles homens fortes e capazes de afirmar sua própria vontade contra toda a moral, os transvaloradores de todos os valores se tornarão numerosos o suficiente para constituírem algo que possa ser chamado de povo. Aqui, configura-se uma política. Uma política por uma humanidade, uma política

para que se possa tirar a Terra deste acaso que ainda a governa. Uma política para formar homens grandes e, depois, o super-homem. O caminho de Zaratustra e de seus companheiros em direção a si mesmos é um caminho ético-político. Trata-se de mudar o rumo do mundo, trata-se de criar algo que possa ser chamado de humanidade, trata-se de crescer e, com isto, fazer crescer também o mundo à sua volta. “Vós, os solitários de hoje, os segregados, sereis, algum dia, um povo; de vós elegestes a vós mesmos, deverá nascer um povo eleito; e, dele – o super-homem”.

Da virtude dadivosa 3 – Neste ponto Zaratustra se despede de seus companheiros e diz-lhes que sigam sós. Ele, Zaratustra, também quer voltar à solidão. Zaratustra diz que seus companheiros o acharam, pois não haviam procurado a si mesmos. É preciso pois, que cada discípulo procure a si mesmo e se descubra nesta busca. Para tanto, Zaratustra não pode fazer mais do que já fez. Agora é uma parte solitária do caminho. Cabe a cada um pensar no que aprendeu de Zaratustra e descobrir a si mesmo, caso contrário, os ensinamentos de Zaratustra podem se tornar uma verdade absoluta, e não é esta a proposta. Ao contrário, ao seguir a si mesmo é possível que se distancie do próprio mestre. Só após esta busca de si Zaratustra voltará a encontrar seus discípulos. Mas será em um outro momento, em um momento onde o número de setas para o super-homem já terá crescido. Será então, a hora do grande meio dia. Para tanto, é preciso primeiro que cada discípulo de Zaratustra torne-se si mesmo, assim como fez seu mestre. “Retribui-se mal a um mestre quando se permanece sempre e somente um discípulo”. Um dia se encontrarão de novo e serão um povo.

Esta primeira parte do livro aponta para ensinamentos iniciais. É uma espécie de pré-requisito para a doutrina ética que Zaratustra propõe. Zaratustra trouxe alguns para fora do rebanho, mas estes, sedentos de algo maior do que ser apenas rebanho, precisam ainda procurar a si mesmos. Nesta primeira parte Zaratustra fala contra os transmudanos, fala da morte de deus, diz que se deve criar um sentido para a humanidade e que este sentido passa pela valorização da Terra e do corpo, este é um sentido humano, este é um sentido de grandeza de espírito, conseguido pela caminhada em direção a si mesmo, é o super-homem.

2ª. Parte

O menino com o espelho – Depois de ter se separado de seus amigos, Zaratustra permanece um tempo só. Mas a segunda parte começa tendo já passado este período. Zaratustra quer voltar e reencontrar seus amigos. Principalmente porque teve um sonho onde sente que sua doutrina está sendo desfigurada por seus inimigos. A sua ausência fortaleceu seus inimigos que certamente criticaram seus ensinamentos. Aqui, é interessante chamar a atenção para o fato de o próprio Zaratustra chamar seus ensinamentos de *doutrina*. A palavra aparece em itálico no texto, é uma palavra forte, mas não é equivocada. Trata-se de uma proposta e uma tarefa para a vida inteira, em nome de algo a que se quer um dia chamar humanidade, em busca de um super-homem. Zaratustra decide voltar a seus amigos.

Zaratustra alerta para o perigo que representa sua própria sabedoria e liberdade, elas são selvagens. Por isto, assustam tanto aos amigos quanto aos inimigos. Já foi dito antes, que o caminho proposto por Zaratustra não é um caminho fácil. O caminho em direção a si mesmo é o caminho em direção ao humano, demasiado humano que se tem em si. Há que ter muita coragem para segui-lo. Apenas neste caminho é possível se entender porque a sabedoria é selvagem.

Nas ilhas bem aventuradas – Zaratustra critica mais uma vez a idéia de deus. Mas esta crítica será um pouco diferente das anteriores. Aqui, deus é colocado como uma suposição, um pensamento, uma hipótese. É preciso testar o limite desta hipótese. Critica-se o fato de precisar-se de um deus para se sentir seguro ou feliz. Zaratustra critica o antropomorfismo que existe na crença em deus e na verdade. Esta atitude significa buscar alento no inconcebível e obscuro. “Podeis criar um Deus?”, “Podeis *pensar* um Deus?”. Assim Zaratustra testa a hipótese. Neste ponto aparece o grande ensinamento: a criação. Ao invés de deus ser a meta, que a meta seja o super-homem. É preciso que se tornem criadores todos aqueles que desejam o super-homem. O criador é, antes de tudo, criador de si mesmo. “Criar – essa é a grande redenção do sofrimento, é o que torna a vida mais leve.” Se deuses foram criados para oferecer um sentido para o sofrimento, pode-se criar novos sentidos, sentidos que engrandecem a vida.

Quem deve guiar o andarilho é a sua própria vontade, pois a vontade é criadora. Se existe alguma dica para aqueles que percorrem o caminho ético, a dica é que sigam sua própria vontade, somente ela lhes dará o caminho a si mesmo. A liberdade só é alcançada depois que se conhece até mesmo seus instintos mais baixos. É, justamente, ao se deparar com as vontades mais profundas que se percebe porque a sabedoria de Zaratustra é selvagem.

A criação exige também destruição. Ao criar a si mesmo, o anterior perecerá. É algo doloroso ser o assassino e a parturiente de si mesmo ao mesmo tempo. A vontade é a libertadora. É preciso libertar os sentimentos, os afetos, os instintos. A verdadeira vontade deve ser capaz de quebrar os grilhões da moral, transvalorar os valores e libertar o querer. Este ensinamento é tão importante que Zaratustra diz: “O querer liberta: é esta a verdadeira doutrina da vontade e liberdade — e, assim, a vós a ensina Zaratustra”. O deus moral é um atavismo para a vontade, se há deus não há mais o que criar. Deus, sendo aquele que determina o que é certo e errado, cria assim uma moral inquestionável e acaba com o espaço do homem. Caberia a este, apenas se resignar e viver uma vida calcada em valores exteriores à sua vontade. Mas Zaratustra tornará sempre a dirigir sua vontade criadora aos homens, chamando a atenção para a necessidade de pensarmos o homem. Somente assim, poder-se-á superar o niilismo. O homem se assemelha a uma escultura feita em pedra, a estátua é o que a vontade do escultor quiser. Ora, cada um é o escultor de si mesmo, cada um é o que a sua própria vontade quiser, só resta tentar ser um bom artesão. O super-homem também está para ser esculpido em uma pedra, na mais dura e feia de todas elas, naquilo que chamamos hoje de homem. Ao esculpir a si mesmo, dão-se as primeiras marteladas na direção do super-homem.

Dos compassivos – A compaixão é um valor cristão que esconde uma insatisfação consigo mesmo, uma incapacidade de alegrar-se com a vida e uma multiplicação da dor. Ao invés de se compadecer do sofrimento, o melhor é alegrar-se e minimizar a dor. Se o homem sempre buscou razões para o sofrimento e, para tanto, criou religiões e justificativas fantásticas, seu erro foi sempre ter pouco se alegrado com a vida. “E, se aprendermos a alegrar-nos melhor, será este o melhor modo de desaprendermos a fazer sofrer os outros e a inventar novos sofrimentos”.

Contudo, a história do homem aponta para uma vitória dos fracos e ressentidos, estes criaram uma cultura decadente cuja forma moderna é o niilismo. Temem o mal e assim o negam, contudo, pensam mesquinamente e este é o pior tipo de pensamento. O mal se apresenta tal como é, mas o pensamento mesquinho esconde-se e tem vergonha de si, pois se sabe medíocre. O amor deve ser mais do que compaixão, o amor precisa ser criador e direcionar para o alto. Aquele que ama e é forte também possui uma inclinação para a compaixão, mas é uma inclinação produzida pelo excesso de força, o que não torna este afeto menos perigoso.

Outras idéias interessantes são expressas: “Àquele, contudo, que é possuído pelo demônio, cochicho estas palavras ao ouvido: ‘O melhor é, ainda, fazeres o teu demônio crescer! Também para ti há um caminho de grandeza!’” O demônio ao qual Zaratustra se refere é a vontade violenta, o demônio é o instinto que, de tão baixo e de tão nocivo, pode ser chamado por este nome. Mesmo assim, há um caminho de grandeza para ele, é preciso vivê-lo. É interessante este ponto, pois Zaratustra fala da liberdade aos instintos, da grandeza e da purificação, mas pode haver casos em que o demônio é a mais forte das vontades, neste caso, resta apenas deixá-lo crescer, pois até mesmo aí há uma grandeza. A ética se mostra oposta à moral, pois não há vontades permitidas e vontades proibidas, todas são permitidas, a ética consiste na grandeza das mesmas sejam elas anjos ou demônios.

Ao falar da ajuda a um amigo, algum amigo desiludido, Zaratustra propõe que os ajudemos, mas não os deixemos acomodar-se. É preciso que ele levante o mais rápido possível, para tanto, o ideal é que a ajuda seja como uma cama de campanha.

Outra idéia interessante é que, quando se faz mal a quem se gosta, faz-se mal a si mesmo. O amigo pode até nos perdoar, mas sempre nos perguntaremos: por que fizemos aquilo? O grande amor supera a compaixão e o perdão.

Dos sacerdotes – Mais um discurso em que Zaratustra critica a religião, em especial as religiões cristãs. Este trecho é dedicado a pensar os sacerdotes como pastores para o sofrimento. Uma grande frase deste discurso: “E não souberam amar o seu Deus de outro modo, senão crucificando o homem!” Uma religião para fazer sofrer, uma religião para dar um sentido a todo o sofrimento na Terra, mas um sentido supraterrâneo, para domesticar o

homem fazendo com que não pense em seu próprio crescimento. Estas religiões sempre foram realmente muito cruéis.

Dos virtuosos – Zaratustra já falou de virtude e já se sabe que virtude é o nome da vontade que domina e vence todas as resistências sendo capaz de conferir um sentido para aquela existência. Mas este nome, virtude, é um nome controverso, muitos sentidos já teve esta palavra. Uma boa parte deste discurso tem por objetivo explicitar alguns sentidos negativos que a palavra virtude já possuiu. Sentidos que diferem diametralmente do sentido que Zaratustra lhe confere. Muitos ainda por cima pretendem obter recompensas por sua virtude. Zaratustra deixa claro que castigos e recompensas para as atitudes são ilusões. E querer ser recompensado por sua virtude é o mesmo que uma mãe querer ser recompensada por seu filho. Estas são mais algumas ilusões clássicas da religião cristã. A virtude é a vontade principal, a que comanda, é a própria pessoa, não um envoltório superficial. A virtude é aquela que cria coisas grandes, não um valor moral a ser seguido.

Da canalha – Existe um tipo de gente que é o mais repugnante possível, capaz de contaminar até mesmo a água mais pura e sagrada, é a canalha. Muitos se cansam da vida devido ao excessivo contato com este tipo. Zaratustra chama a atenção para o fato de que o dominar hoje está contaminado pela canalha. O governar se tornou um regatear e traficar pelo poder com a canalha. O poder não visa o governar, visa mais e mais poder. Para tanto, a canalha está sempre presente. Nosso governo de hoje é um governo da canalha. Para vencê-la, ou melhor, para não lhe ter contato, é preciso subir muito e se tornar tão puro que a canalha não seja capaz de lhe alcançar, pois é baixa e mesquinha. A única coisa a se fazer com relação a este tipo é se tornar uma pessoa tão rica, tão abundante e tão grande, que as artimanhas da canalha já não o atinjam. A política se torna uma guerra de espíritos, pois em outro caso, se tornará um jogo de barganha com a canalha.

Das tarântulas – Vingança é o que quer dizer esta imagem da tarântula. Zaratustra quer que o homem seja redimido de toda a vingança, quer que o homem não mais se deixe levar por este afeto nocivo. A questão da vingança voltará ainda a este livro em um ponto decisivo. Neste ponto, a vontade de vingança está associada aos pregadores da igualdade. Zaratustra

critica radicalmente aqueles que pregam a igualdade como sendo vingativos e rancorosos em relação àqueles que são fortes. De fato, não há igualdade entre os homens, todos são diferentes. Uma moral que pregue que todos ajam de forma igual visa conter a força do forte para que ele não aja, fazendo da impotência uma virtude. A tarântula é a imagem usada, pois a doutrina da igualdade vem revestida de um pomposo ar de benevolência e caridade em nome dos sofrendores e pobres, mas Zaratustra vê o espírito de vingança contra os fortes por trás deste valor, este seria o veneno da tarântula.

Dos famosos sábios – Quem é o povo para Zaratustra? Não o povo que um dia poderá ser criado pelos que desejam o super-homem, mas o povo que Zaratustra critica? – Povo é aquele que ignora o que é o espírito, são os sem espírito, isto é, a maioria em uma sociedade decadente, por isto são povo. Como são a grande maioria, é comum acreditar que seus valores refletem os valores bons por si mesmos. Contudo, em geral, tais valores são mesquinhos e pequenos, pois refletem a moral do animal de rebanho, que exclui o diferente. O espírito livre é odiado pelo povo. Os sábios, adorados pelo povo, são apenas também animais de rebanho em busca de fama, mas não apresentam nada de real valia.

O canto noturno – Zaratustra é um sábio que doa seus ensinamentos e suas virtudes. Porém, de quem ele conseguiria beber e se saciar? Para estes grandes mestres, não há grandes mestres que os supram de alguma necessidade. Por isto, quanto mais alto se chega, mais solitário se permanece. Zaratustra dá amor, mas quem teria tanto amor quanto Zaratustra para dar-lhe também? Zaratustra vive e sofre de sua própria luz e força.

Do canto de dança – A vida nos parece imperscrutável. Ela pode nos enganar, mas mesmo assim a amamos. A sabedoria se assemelha em muito à vida. Ambas são selvagens. Por isto, é preciso sabedoria para viver. É esta proximidade que fica ressaltada neste canto. A sabedoria deve ser uma sabedoria de vida, caso contrário, de nada vale. Ao fim deste canto, Zaratustra sente-se triste. Como se perdesse o sentido de sua caminhada.

O canto do túmulo – Um canto sobre a juventude. Zaratustra chama seus momentos de juventude de olhares e momentos divinos. Na juventude é quando a alma fala com maior

inocência, depois da criança. Mas a criança, tirando o fato de ser radicalmente criativa, ainda não possui a autonomia da juventude. Na juventude é quando se decide querer ser livre ou não. Mas, os momentos de juventude de Zaratustra passaram rápidos, foram assassinados. Ele permanece rico e invejável, pois, por mais curta que tenha sido sua juventude, ele permanece como sua conseqüência. E foi uma juventude a que ele chama de olhares e momentos divinos, ou seja, valeu a pena. Os olhares e momentos divinos, que eram a esperança juvenil de Zaratustra, era o que ele tinha de melhor, e lhe foi tirado. Por isto, Zaratustra não cessa de amaldiçoar os assassinos. O que são estes olhares e momentos divinos de que fala Zaratustra? – Em nossa interpretação, são seus companheiros, os espíritos bem-aventurados. “Assassinastes as visões e as mais queridas maravilhas da minha juventude! Tirastes-me os meus companheiros, os espíritos bem-aventurados!” *Ora, o que foi tirado de Zaratustra em sua juventude foram os jovens. A juventude em um mundo decadente é assassinada, pois é um perigo. A juventude é a idade do risco, da experiência, da sinceridade consigo mesmo, é um período único e decisivo da vida. Caso os jovens tivessem coragem e capacidade de arcar com todos os riscos de uma juventude digna deste nome, a moral estaria sempre em xeque. Para vencer o niilismo é preciso a coragem de afirmar a si mesmo. Alguém que não afirma a si mesmo quando jovem, dificilmente o fará quando velho. Por isto, a juventude é o principal alvo dos inimigos de Zaratustra. Na juventude é que se lança o anelo para além de si mesmo, tarefa para toda a vida. Mas antes mesmo de se começar o caminho, o jovem é alvejado por todos os lados e impelido a se tornar, o quanto antes, um adulto a mais no mundo. Tudo aquilo que ele quer, gosta e acredita é, constante e incessantemente, criticado e desqualificado pela “voz da experiência”, que o aconselha a desistir de sua juventude, isto é, a desistir de lançar um anelo para além de si mesmo e do homem. É na juventude que são questionados os valores vigentes e as morais caquéticas, somente a juventude pode derrubar tamanha hipocrisia. O jovem possui a inocência que sonha e a força de realização deste sonho, por isto é visto como perigoso, por isto é sempre mais cedo chamado a se integrar. É neste ponto que o jovem, se não for forte, é assassinado e impedido de viver sua própria vida. Ao desviar-se de si mesmo, daquilo que quer, o jovem morre prematuramente. No futuro, o preço desta covardia ou fraqueza será pago com o cansaço da vida. Aquele que não é si mesmo, ou cansa-se de viver – uma vez que a vida que vive não é a sua, e sim, a que a moral lhe*

ordenou – ou se torna um rancoroso e vingativo assassino de jovens, por inveja de uma juventude bem lograda.

Zaratustra, assim como qualquer jovem, só conseguiu permanecer firme em sua proposta pois possui um ponto invulnerável a ataques de qualquer ordem, já sabemos: a vontade. Aquele possuidor de uma forte e inquebrantável vontade, aquela vontade a qual pode-se chamar virtude, que a tudo domina e confere um sentido, apenas o possuidor deste tipo de vontade é forte o bastante para vencer os inimigos da juventude. Lembremos que esta vontade não é uma espécie de dom místico ou graça divina, é um trabalho longo e árduo não só do pensamento quanto do corpo e de todo o resto daquilo que se chama homem. É preciso criar e cultivar a vontade. Descobrir, pelos afetos, a vontade ou as vontades predominantes e, a partir daí, trabalhá-las para que se fortaleçam. Este é, também, o caminho em direção a si mesmo de que tanto falamos, isto é, a capacidade de sentir, identificar e trabalhar para fortalecer a vontade que se considera como soberana. Este trabalho começa com toda força na juventude e, por isto mesmo, esta é o alvo preferido para a cobrança em relação aos valores estabelecidos.

Do superar a si mesmo – Este discurso que se segue ao “Canto do túmulo” vem elucidar a questão da vontade de potência. Vida é vontade de potência, tudo aquilo que vive, quer crescer e se tornar mais forte, este é o caminho da vontade, um caminho para a potência. “Mas, onde quer que eu encontrasse vida, ouvi, também, falar em obediência. Todo vivente é um obediente. E, em segundo lugar: manda-se naquele que não sabe obedecer a si mesmo.” A vontade não é uma graça divina, é uma relação de mando e obediência. Somente a vontade forte é capaz de mandar, pois, para isto, é preciso que domine as demais vontades, isto é, force-as a obedecer. Há uma relação de luta entre as vontades dentro de um mesmo organismo. Todas querem tornar-se mais potentes. Aquilo a que se chama homem é antes a consequência do que a causa da vontade. A vontade forte manda e as vontades fracas obedecem. Virtude é quando uma vontade é forte o bastante para mandar sempre. Aquele que não consegue trabalhar suas vontades para que se tornem virtudes, termina por obedecer àqueles que conseguem, pois estes últimos criam os valores. Zaratustra ainda deixa claro que é mais fácil obedecer do que mandar. Exercer o comando traz consigo um alto grau de responsabilidade difícil de lidar.

Se a vida é vontade de potência, então a vida também quer se tornar cada vez mais potente. Por isto a vida diz a Zaratustra em segredo que ela é aquilo que deve sempre superar a si mesmo. A busca por si mesmo é, também, uma busca por superar a si mesmo, uma busca por se tornar cada vez maior e se superar. Os valores são conseqüências de vontades fortes. Quando se é forte o suficiente para se afirmar a própria vontade, cria-se os valores. Mas, se os valores são criados, eles podem também ser destruídos. “Um bem e um mal que fossem imperecíveis — isso não existe!” Muitas vezes, para se criar um valor, é preciso destruir outro. O trabalho transvalorador soa como pérfido e imoral devido ao fato de que contraria todos os valores vigentes. Mas os ensinamentos de Zaratustra se direcionam justamente para a derrubada dos valores da decadência e para a criação do super-homem. Caminho que se dá, em ambos os casos, pela afirmação da vontade acima da moral.

Dos seres sublimes – Zaratustra fala daqueles que buscam o conhecimento. Muitas vezes, tornam-se sublimes, mas a seriedade com que acreditam em tal conhecimento não os deixa tornarem-se belos. São rijos. Muitas vezes entendem a vida ainda como uma penitencia e, nem sempre, amam o que é terrestre. É preciso fazer deste conhecimento algo alegre, como uma gaia ciência. Aqui, Zaratustra fala da bondade. Daqueles grandes e fortes, que buscam superar a si mesmos, Zaratustra espera a bondade, justamente porque sabe que são capazes das piores maldades. Espera que ponham toda esta força em favor de algo bom e alegre, assim como ele mesmo o fez. Zaratustra saiu em busca de doar aquilo que tinha, saiu em busca de passar ao homem seus ensinamentos principais. Assim, propõe aos demais homens grandes que sejam dadivosos, que não se fechem em seus castelos.

Do país da cultura – Este discurso critica radicalmente os homens do presente. Estes não crêem em nada, mas desta forma não crêem também em uma meta e um sentido para a cultura. Não possuem anseio e são estéreis. São vaidosos e acreditam ser grandes homens, mas não passam de repetidores escravos. Mas Zaratustra tem fé em sua caminhada e em seu anseio. Não é uma fé extramundana onde Zaratustra crê que tudo terá um final feliz porque deus quer. É uma fé em si mesmo e em seus ensinamentos. Mesmo diante de toda pobreza de espírito, Zaratustra segue seu caminho carregando seu anseio pela superação do homem.

Seu anseio é dirigido claramente para o futuro, para os filhos dos homens do presente. Mas não há teleologia nesta proposta. Não existe caminho fixo, o super-homem, mesmo que seja uma meta é, também, uma direção, um sentido a se dirigir, não é um lugar fixo e estático. Mesmo que o super-homem seja uma meta futura que confira sentido ao presente, esta meta não é teleológica, pois não é natural ou absoluta, ela depende da vontade. É preciso querer o super-homem para que ele exista. E, em todo o caso, pode-se escolher o último homem, como, aliás, parecem fazer os homens do presente. O homem pode se superar, mas tal superação será uma ação da vontade e não de algo natural no desenvolvimento teleológico da história.

Do imaculado conhecimento – Zaratustra deixa claro que não existe conhecimento puro nem apenas contemplativo. Todo o conhecimento está ligado a Terra e aos homens que o produziram. O que é chamado de conhecimento é uma construção humana que, muitas vezes, se traveste de conhecimento puro e desinteressado. Isto é uma ilusão. Aqueles que pregam este tipo de conhecimento são, em verdade, desprezadores da terra e do corpo. Quando amam a terra, amam com vergonha, pois gostariam de poder creditar todo o conhecimento a um deus ou a algum outro fundamento metafísico que lhes desse segurança naquilo que crêem. Mas o fato de que todo conhecimento foi construído pelo homem e não passa de uma interpretação possível do que se vê os atormenta, pois impede que seu desejo por um conhecimento puro seja possível. Estes são os estereis eruditos do país da cultura, incapazes de lançar uma seta do anseio, pois não têm anseio.

Dos doutos – É o quarto discurso seguido sobre a forma do saber moderno. Dirige-se contra a idéia de que a sabedoria é igual à erudição e que a erudição é uma espécie de conhecimento neutro e desinteressado. A doutrina ética de Zaratustra não poderia ser mais diferente do conhecimento de doutores estereis. Zaratustra fala da vida, e vive a vida, sua sabedoria é uma sabedoria da vida e a favor da vida. Ele quer criar para a vida e para que esta cresça e se supere, pois a vida é aquilo que quer superar a si mesmo, pois é vontade de potência. Assim, Zaratustra há muito se distanciou dos doutos, pois querem coisas diferentes e estes últimos não são capazes de compreendê-lo, por isto desdenham. Mas este desdém é aquela velha característica do rebanho de negar a nobreza.

De grandes acontecimentos – Os grandes acontecimentos começam devagar e de forma imperceptível, são a criação de novos valores. É isto que transforma o mundo.

Do adivinho – Niilismo, é o que anuncia o adivinho. Como já foi visto no prólogo, chegará o momento em que o homem se cansará de si mesmo e desta pequena felicidade que tem. Perceberá o quão vazia e mesquinha ela é. Até aqueles que chamamos fortes estarão fadados a se sentirem cansados. Repetindo o verso do prólogo: “Aproxima-se o tempo em que o homem não dará mais à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, que nem sequer saberá mais desprezar-se a si mesmo.” Este é o último homem. Lembremos que há, ainda, uma disputa de possibilidades. Contra este último homem, Zaratustra propõe o super-homem. Ainda há tempo, mas o adivinho parece prever que Zaratustra perderá esta guerra. Depois de ouvir ao adivinho, Zaratustra se entristece profundamente e permanece por um bom tempo assim. Parece realmente acreditar nas palavras do adivinho. Depois disto, Zaratustra mergulhou em sono profundo. Ao acordar, contou um sonho muito estranho e tenebroso. Um de seus discípulos tentou, imediatamente, decifrar o sonho. Mas Zaratustra pareceu não concordar com a interpretação. Entendemos que a interpretação do discípulo foi excessivamente otimista, e pareceu não levar muito a sério a gravidade da situação. Segundo esta interpretação, Zaratustra seria o grande salvador de todos e já teria conseguido vencer sua batalha contra o niilismo. Apresentamos outra interpretação, que nos pareceu simplista, mas que, mesmo assim, faremos, ainda que Zaratustra também a reprove. No sonho, Zaratustra nos pareceu realmente derrotado, habitante de um castelo fúnebre e sombrio. A vida lhe olhava vencida. Perdeu-se a guerra, o niilismo venceu a vida, tem-se o último homem. Em meio a toda esta tristeza, uma espécie de demônio invade o castelo e comemora sua vitória sobre Zaratustra. O grito de horror que deu o acordou. Este sonho não tem um final feliz. O tempo urge e estamos cada vez pior.

Da redenção – Zaratustra vê os homens não como homens inteiros e íntegros, mas como fragmentos de homens e pedaços descontínuos, membros avulsos de homens. Ora faltam-lhe pedaços importantes, ora possuem apenas uma coisa em demasia. Esta crítica nada mais

é do que a crítica à fraqueza da vontade; o homem não é capaz de querer algo com toda sua força até que a vontade torne-se soberana, não consegue fazer para si um objetivo de grandeza. Mesmo quando Zaratustra olha para o passado, vê que a história mostra ainda esses fragmentos de homens apenas. “O presente e o passado na terra – ah, meus amigos, é isso, *para mim*, o mais insuportável; e não saberia viver, se eu não fosse, também, um vidente daquilo que deve vir”. Mais uma vez fica claro o sentido dos ensinamentos de Zaratustra, eles apontam para o futuro do homem. O homem fraco e impotente pode ser redimido em um homem inteiro. Assim, Zaratustra se coloca como aquele que aponta o sentido da Terra para além dos homens fragmentados e seus membros avulsos, contra o acaso puro e simples no qual sempre caminhou a humanidade. O homem agora pode se direcionar rumo a uma meta de crescimento próprio em busca de superar este horrendo acaso que é ele próprio hoje. Zaratustra vê nestes mesmos fragmentos horrendos do presente, os fragmentos de um futuro possível. “Eu caminho entre homens como entre fragmentos do futuro: daquele futuro que eu descortino”. Zaratustra já ensinou que o caminho para este futuro é a própria vontade do homem, que ele transforme sua vontade em algo extremamente forte e engrandecedor. A vontade liberta da moral e cria o grande homem.

Contudo, Zaratustra entende que a própria vontade libertadora se encontra ainda em cativeiro, impossibilitando o homem de buscar seu crescimento. Tudo o que passou não pode ser modificado, não pode ser transformado, “foi assim”. A insatisfação da vontade é que, por mais forte que seja, não é capaz de transformar o que já aconteceu e “foi assim”. A vontade insatisfeita com o passado termina por odiar este passado e se tornar um *espírito de vingança* não somente contra o passado, mas contra toda a vida. A vontade, para se vingar da vida por esta comportar um passado contra o qual esta vontade é impotente, cria a idéia de castigo para justificar todo passado ruim. Ao invés de aceitar todo “foi assim”, a vontade insere no devir a idéia de castigo como justificação para o sofrimento. Onde há sofrimento, onde a vontade não pode atuar para trás mudando o “foi assim”, é porque a existência mesma decidiu castigar os viventes e puni-los por viverem. Assim o espírito de vingança interpreta o tempo. Zaratustra busca a redenção desta loucura da vontade, que nada mais é do que sua prisão nas cadeias morais criadas pelos fracos por vingança aos fortes. “ ‘Pelo ângulo moral, acham-se as coisas ordenadas segundo o direito e o castigo. Oh, onde está a

nossa redenção do caudal das coisas e do castigo da ‘existência’?’ Assim pregou a loucura. / ‘Pode haver redenção, se há um direito eterno? Ah, impossível de rolar-se é a pedra ‘Foi assim’: eternos devem, também, ser todos os castigos!’ Assim pregou a loucura. / ‘Nenhum ato pode ser destruído: como poderia ser desfeito pelo castigo! É isto que há de eterno no castigo da existência: que a existência deve de novo e sempre tornar-se ato de culpa! A não ser que a vontade, finalmente, se redimisse a si mesma e o querer se tornasse em não querer’ – mas vós conheceis, meus irmãos, essa cantiga da loucura.”

Fica clara a crítica que é feita contra a moral, principalmente sacerdotal. Transformar a vida em culpa e a existência em castigo eterno, sempre em nome de uma vida para além desta própria, até que a vontade, por fim, negue a si mesma, uma vez que é impotente contra tudo o que passou. A moral sempre ensinou a negação da vontade, pois sempre foi a arma dos impotentes, sua vingança é tornar a vontade do forte culpada e impotente. “*Definição da moral*: Moral – a idiossincrasia dos *décadents*, com o oculto desígnio de *vingar-se da vida* – e com êxito. Dou valor a *esta* definição.”¹ Mas Zaratustra busca a redenção e libertação em relação a esta doutrina da vingança. Seu ensinamento da vontade como libertadora e criadora se opõe radicalmente a este espírito de vingança. Contudo, permanece a questão da impossibilidade de querer para trás, a vontade não pode mudar o que passou. Aqui entra mais um passo importantíssimo da ética, é preciso afirmar todo o passado e tudo aquilo que já foi, é preciso transformar o “foi assim” em um “mas assim eu quis”. Somente com esta afirmação do passado pode-se afirmar incondicionalmente toda a existência e redimi-la de toda doutrina moral. A afirmação incondicional da existência é o sim dionisíaco à vida, mesmo em tudo o que ela possa trazer de trágico, esta afirmação é uma afirmação da vontade criadora. Apenas a afirmação do passado como tendo sido querido é capaz de libertar uma vontade que queira se vingar daquilo que já aconteceu. Esta capacidade de afirmação trágica da vida diante do acaso passado é um dos pontos fundamentais da doutrina do eterno retorno, que ainda será apresentada.

A hora mais silenciosa – Este discurso é impressionante. Estamos aqui a falar de vontade, força, afirmação, potência, acreditar em si mesmo e eis que Zaratustra hesita. Aquilo a que

¹ Nietzsche, “Ecce Homo”, Porque sou um destino, 7

Zaratustra chama sua hora mais silenciosa é quando ele chega a um ponto onde não sabe mais obedecer e tem que mandar. Ele teme a responsabilidade. Zaratustra precisa ficar sozinho, pois agora é chegada a hora de ele se tornar verdadeiramente mestre. Isto foi tudo aquilo para o que ele direcionou sua própria vida, mas o tamanho e o peso da responsabilidade o faz hesitar. Zaratustra parece não acreditar mais em si mesmo, parece ter perdido toda aquela força de que estamos falando sempre que é preciso ter. Chegou a hora em que os ensinamentos de Zaratustra começam a ser seguidos e que ele terá que arcar com as conseqüências destes ensinamentos. É o silêncio que diz isto a ele. Zaratustra, inicialmente, foge à responsabilidade. Por isto, se retira para um momento de decisão radical. Este discurso mostra que, mesmo que sigamos nosso próprio caminho, daí a se tornar um mestre existe uma diferença enorme, pois enorme é a responsabilidade daquele que quer ser uma ponte para o super-homem. Este discurso se segue à primeira aparição ainda velada do eterno retorno, tendo apenas um discurso entre eles. Zaratustra hesita diante da responsabilidade e do peso que o pensamento do eterno retorno traz consigo. Ele ainda não é capaz de afirmar este pensamento, apesar de já o saber. Assim termina a segunda parte.

3ª. Parte

O viandante – Decidido a partir mais uma vez para a solidão, em direção a seu mais alto cume, Zaratustra segue seu caminho em direção a outras terras. São esses caminhos que constituem a experiência de Zaratustra, pois “só se vive a experiência de si mesmo.” Zaratustra amadurece e se, antes, o caminho para o alto levava também para baixo, em um momento adiante ambas as coisas se unem purificadas. “Cume e abismo — resolveram-se numa única coisa!” Zaratustra percorre o caminho de sua própria grandeza que é o caminho de suas próprias experiências, é impossível que outro caminho seja igual ao dele, é impossível também segui-lo. Experiência que dizer que cada um faz apenas o caminho de si mesmo. Que este caminho seja um caminho da grandeza é a proposta de Zaratustra. Neste ponto de máxima solidão, Zaratustra precisa aprender a crescer a partir de si mesmo, a superar a si mesmo, pois como seguiu o caminho de sua própria experiência até o máximo

da força de sua vontade, Zaratustra se encontra na maior solidão possível. É aí que terá que chegar ao seu mais alto cume e vencer seu maior desafio.

Da visão e do enigma 1 – Certamente um dos maiores perigos, senão o maior, que Zaratustra enfrentou foi o encontro com um anão, que representa o espírito de gravidade. Um diabo que a tudo degrada, a tudo denigre e puxa para baixo, um ser que nada valoriza e que desqualifica qualquer esforço humano por elevação, um espírito pesado que busca sempre diminuir o homem. Enquanto Zaratustra subia um monte, possivelmente este mais alto cume para o qual buscou novamente sua solidão, um anão, montado em suas costas, desqualificava sua jornada. Lembremos aqui que a alegoria das montanhas é uma imagem que tenta demonstrar a elevação do espírito na busca por si mesmo. Uma busca árdua. Durante um desses caminhos, Zaratustra se depara com este espírito de gravidade que desqualifica seu esforço dizendo-lhe que, por mais que se eleve, Zaratustra cairá, será esquecido ou duramente criticado, apedrejado, humilhado. O anão repete as advertências que se faz a todos que fogem à moral de rebanho. Os ensinamentos de Zaratustra, ao propor que cada um busque a si mesmo, levam seus discípulos a caminhos tortuosos e difíceis de se ultrapassar. É muito comum o medo diante da autodeterminação. De fato, é sempre muito mais fácil permanecer sempre fazendo aquilo que todos fazem e seguir sempre a moral vigente. Ao seguir o caminho do rebanho, nunca se está a sós e sempre se tem a sensação de segurança causada pelo gregarismo. — ‘Ora, se todos fazem algo, tal coisa não pode ser ruim’. Assim pensa o rebanho, e segue seu caminho entendendo a vida como mimese de outras vidas também miméticas. No fundo, renuncia-se a viver, por comodidade, por gregarismo, por instinto de rebanho, por *medo*. O medo de seguir a si mesmo é o medo de se ver fazendo coisas diferentes da grande maioria. É o medo de possuir valores que não são compartilhados pelo rebanho. É o medo de sofrer as sanções que o rebanho impõe ao desviante. O rebanho não costuma perdoar o diferente, pois este levanta suspeita sobre aquilo que o rebanho faz, pelo simples fato de mostrar que outra forma de vida é possível. O rebanho quer que sua forma de vida seja entendida não só como a melhor, mas como a única possível. Somente assim, consegue se sentir um pouco mais seguro. Este é o comportamento que instaura a moral. A moral são os valores do rebanho e este fará de tudo para que todos sejam rebanho. O desviante, o diferente é excluído.

É preciso muita coragem para vencer a moral do rebanho e tornar-se si mesmo, pois no rebanho tem-se a sensação de segurança. Por isto, acreditamos que o anão representa aqui, **o medo**. É o medo que o anão tenta inculcar a Zaratustra. O caminho de Zaratustra é único e o anão tenta desencorajá-lo. Zaratustra resolve enfrentar o anão, enfrentar o medo. Manda-lhe que desça de suas costas e diz: “Anão! Ou tu ou eu! — É que a coragem é o melhor matador”. É preciso coragem para enfrentar o medo. Enfrentar o medo significa tentar encontrar em si mesmo seu próprio caminho e questionar-se sobre a diferença entre a moral do rebanho e seus próprios valores. Quando Zaratustra diz ao anão que ou um ou outro deve prevalecer, ele quer dizer que, ou ele, Zaratustra, segue seu caminho vencendo o medo, ou abrirá mão de si mesmo por medo de criar seus próprios valores, neste caso, o espírito de gravidade vencerá. Uma das grandes causas do niilismo é o fato de que grande parte daqueles que se colocam a questão sobre si mesmo descobrem aquilo de que gostam e querem fazer, mas não têm a coragem de seguir em frente e afirmar a própria vontade, preferindo a suposta garantia de um lugar seguro dentro da moral estabelecida. A vida não perdoa tal covardia e o sofrimento encontrado pela negação de si mesmo é, muitas vezes, maior do que o sofrimento que se encontra pelo caminho. A coragem deve ser capaz de enfrentar até mesmo a morte, pois sendo a morte parte da vida, ela deve ser também afirmada.

Da visão e do enigma 2 – Sendo o anão uma imagem para o medo e para o espírito de gravidade, Zaratustra apresenta-lhe um pensamento que o mata, o eterno retorno. Existe um pensamento capaz de superar todo o medo de viver. Se o tempo nunca começou nem nunca terminará, se o tempo sempre existiu e sempre continuará existindo, não seria possível afirmar que tudo aquilo que já aconteceu e que ainda vai acontecer, em verdade, já aconteceu infinitas vezes? Se entendermos o tempo como eternidade nestes termos, então pode-se dizer que tudo que poderia acontecer já aconteceu e acontecerá de novo. Em um tempo infinito é possível que todas as coisas possíveis de acontecer aconteçam. Porém, tanto o passado quanto o futuro constituem-se em eternidades. Olhando para trás, tem-se uma eternidade onde tudo o que poderia ter acontecido certamente aconteceu. Contudo, olhando-se para frente, tem-se um futuro também infinito, onde tudo o que pode acontecer acontecerá novamente.

Este pensamento traz consigo a afirmação incondicional da vida. Imagine que sua vida se repetirá, tal qual foi até agora, tal como está sendo e tal como ainda será, por um número infinito de vezes. Seremos capazes de querer nossas vidas um número infinito de vezes? Seremos capazes de afirmar nossa própria vida? Ora, se amamos a vida, por que não a querer de novo? Este pensamento, que Zaratustra lança contra o anão, é a grande doutrina de afirmação da vida, pois só uma vida afirmada pode ser desejada ainda infinitas vezes. Mas, quem é forte o bastante para tanto? Mais do que isto, se a vida retornará por um número infinito de vezes, então é preciso que se viva de uma tal maneira que se queira viver infinitas vezes. É preciso viver, a cada momento, a cada instante, de forma tal que se queira seu eterno retorno. Assim, este pensamento faz com que se afirme a própria vontade sempre e a cada instante, pois a vida retornará e, com ela, tudo aquilo que já foi e será. Esta parte da doutrina do eterno retorno se combina com a parte descrita no discurso “Da redenção”, pois para se afirmar de forma incondicional a vida, querendo seu eterno retorno, é preciso vencer o espírito de vingança. A afirmação de tudo aquilo que já foi, transforma todo o “foi assim” em um “assim eu o quis”. Com este pensamento se vence o medo, pois afirmar a vida significa afirmar a si mesmo e a própria vontade. Afirmar o eterno retorno significa afirmar a vida com tudo o que ela tem. Depois de ouvir este pensamento, o anão desaparece. Aquele que afirma querer viver infinitas vezes a mesma vida é porque não a teme. Querer o eterno retorno é uma prova de coragem e adesão à vida, contra todo o medo de ser quem se é.

Depois disto, Zaratustra encontra um pastor com uma enorme cobra agarrada dentro de sua garganta. Zaratustra tenta tirá-la com as mãos, mas não consegue. Então, repentinamente, ele grita para que o pastor morda-a. O pastor a morde e se salva. Então começa a rir como nenhum homem jamais riu. Zaratustra se pergunta pelo significado de tal visão, pergunta-se por quem seria aquele pastor. O próprio Zaratustra responderá a esta questão mais adiante, mas interpretamos que a cobra é uma imagem que significa o niilismo, que está entalado na garganta do homem, sufocando-o. A única forma de vencê-lo é mordendo-lhe a cabeça. É preciso que cada um morda a cabeça da cobra de seu próprio niilismo. Ninguém pode ajudá-lo, assim como Zaratustra não conseguiu ajudar ao pastor. O eterno retorno pode ser entendido como a doutrina que nos ensina a morder e a arrancar a cobra de nossas gargantas.

Da bem-aventurança a contra gosto – Zaratustra ainda não tem coragem para seu pensamento mais abissal. É um pensamento muito forte e pesado, para o qual ele ainda não está preparado. O eterno retorno é uma experiência de si mesmo. Zaratustra ainda não quer alegrar-se, pois não está à altura de sua doutrina, precisa sofrê-la com toda intensidade. Mas este momento ainda não chega. A alegria que sente é como que uma bem-aventurança a contra gosto.

Antes que o sol desponte – Zaratustra e o céu dizem sim e amém a tudo, ilimitadamente.

Da virtude amesquinhadora 2 – Um ótimo discurso onde Zaratustra torna a falar da pequena felicidade, uma felicidade mesquinha, medíocre. Zaratustra diz que, por mais que o povo fale dele e de sua doutrina, não pensa sobre o que Zaratustra diz. Falta coragem para pensar sobre Zaratustra, pois este seduz a ovelha para longe do rebanho. Aos olhos do animal de rebanho, Zaratustra representa perigo, pois segue a si mesmo.

Para Zaratustra, o que torna o homem tão pequeno é a sua própria doutrina da felicidade e da virtude. Trata-se de uma crítica aos valores modernos, onde a pequena felicidade é aquela que quer o bem estar acima de tudo, é aquela que busca neste bem estar, a segurança, e faz isto por medo, medo da vida. “Ingenuamente, querem acima de tudo, no fundo apenas uma coisa: que ninguém lhes faça mal. (...) Isto, porém, é *covardia* – muito embora se chame ‘virtude’”. Esta moral da pequena felicidade direciona o homem para que não busque fazer algo grande de si mesmo, pois no fundo o que ela esconde é a incapacidade para a grandeza. Esta forma de pensar transforma o homem em um animal doméstico. O ensina a se resignar diante do fracasso de sua vida, pois pensa que isto é a vida. Mas, na verdade, não teve coragem de vivê-la. “Isto, porém, é *mediocridade* – muito embora se chame de moderação”.

Da virtude amesquinhadora 3 – A moral da mediocridade e do bem estar é, também, a moral da pequena felicidade, dos pequenos prazeres e vícios e da resignação. Diante do medo em relação a si mesmo, o que há é uma resignação covarde de aceitação de si na pequenez do rebanho, pois todos são iguais, não há porque objetar algo contra si. Contra a

resignação, tem-se a vontade. “E são meus pares todos aqueles que se dão a si mesmos a sua vontade e repelem de si toda resignação.” A vontade é forte e afirmadora, afirma a si mesma e cria; a resignação aceita um estado medíocre de não afirmação da vontade em troca de segurança e bem estar, esta é sua pequena felicidade. A vontade é capaz de afirmar até mesmo o acaso. O acaso afirmado torna-se vontade e afirmação da vida.

Do passar além – Zaratustra passa à porta de uma grande cidade e encontra com um louco espumando de raiva. Este louco é alguém que sabe um pouco dos ensinamentos de Zaratustra e lhe diz uma série de coisas horríveis sobre aquela grande cidade, antes que este entre nela. Dentre outras coisas, o louco fala como que aquela grande cidade mais parece um lodaçal, pois não há mais espírito, tudo se tornou jogo de palavras e opinião pública. Fala também que é uma cidade de merceeiros e mercadores, onde o maior valor é o dinheiro e o ouro. Mas o louco fala com muita raiva e ódio de tudo. Por isto Zaratustra o interrompe e o questiona sobre o por quê de ele, louco, ainda estar vivendo naquela grande cidade. “Por que moraste tanto tempo no pântano, a ponto de tornar-te, tu mesmo, rã e sapo?” O louco pode até ter razão em suas críticas, mas o fato de permanecer muito tempo tão próximo daquilo que tanto odeia fez com que odiasse a vida e se tornasse aparentado de tudo o que maldissesse. Ele mesmo se transformou em algo tão odioso quanto aquela cidade, e não porque fosse louco, mas sim porque agia com ódio. Zaratustra ensina que “Somente do amor deve alçar vôo o meu desprezo e o meu passaro acautelador; não de um pântano!” O louco se transformou em um pântano tal qual a cidade e a ela maldizia com raiva e ódio. Por pior que seja a situação, não só na cidade, mas no mundo, o amor deve prevalecer. Este é o cerne da questão, o amor. Se existe uma proposta de transformação e transvaloração, esta proposta tem que ser seguida por amor. Primeiramente, amor a si mesmo, devido à própria afirmação da vontade. E, para aqueles que forem verdadeiramente capazes, pois Nietzsche duvida deste discurso muitas vezes retórico, amor pelo homem e pela grandeza que poderia atingir. Mesmo criticando o louco, Zaratustra passa além da grande cidade e não entra. Nesta, por sua vez, nada pode melhorar nem piorar, mas chegará o dia em que arderá em chamas. Entendemos este arder em chamas como significando que chegará o dia em que a vida em nossa “grande civilização desenvolvida” terá se tornado impraticável. Será o grande meio dia.

Dos renegados 1 – Fala-se mais um pouco sobre a covardia. Neste caso, da covardia dos jovens. Aqueles que, em um momento quiseram seguir a si mesmos, mas rapidamente se cansaram e se acomodaram. Estes são a maioria, diz Zaratustra. “– Ah, são sempre apenas poucos, aqueles cujo coração guarda longamente a coragem e o entusiasmo; nesses, também o espírito se conserva paciente. O resto, porém, é *covarde!* –” retoma-se a temática da coragem. É preciso coragem para tornar-se si mesmo. Engana-se aquele que pensa que a afirmação da própria vontade é apenas realizar seus pequenos desejos. Talvez seja isto para os pequenos, mas para os possuidores de uma virtude tal qual a definimos anteriormente, a afirmação da vontade consiste em um árduo trabalho de criação de si mesmo. A maioria teme as conseqüências de se tornar si mesmo, por isto prefere a cômoda situação de seguir o rebanho da moral vigente e, sempre que puder, desmerecerá filosofias como esta.

Nota – Em toda a terceira parte até aqui, em diversos discursos, Zaratustra se mostra um pouco triste, ou um pouco brando, ou menos eloqüente e fervoroso do que em outros momentos. Isto aconteceu desde que hesitou diante da sua responsabilidade, no último discurso da segunda parte. Esta terceira parte mostra Zaratustra em busca de sua grande solidão, onde possa ainda aprender sobre este momento que vive. Zaratustra está triste, mas não foge de sua tristeza, ao contrário, a deseja como mais uma etapa necessária até que se torne mestre. Estes últimos discursos depois “Da visão e do enigma” apontam fortemente para a crítica dos valores mesquinhos modernos e para a crítica da covardia diante de si mesmo.

O regresso – Eis então que Zaratustra chega de volta a sua caverna. Este discurso é um longo elogio da solidão. A solidão é diferente do abandono. Zaratustra, por diversas vezes se sentiu abandonado, mesmo que estivesse cercado de seguidores. Em verdade, Zaratustra diz neste discurso o quanto que os homens lhe parecem superficiais. Falam muito, mas não escutam. Não pretendem aprender algo realmente valioso da vida, seguem-na buscando ser poupados. Zaratustra sofreu muito durante sua estadia perto dos homens. O seu maior perigo sempre foi sentir pena desta pequenez humana e sempre tentou ajudá-los, mesmo quando isto o enfraquecia. Mas, chegou um momento em que não pôde mais agüentar, e

voltou para sua caverna. Os homens ainda não têm ouvidos para seus ensinamentos: ou o tomam por superficial ou por um ídolo. Mas, mesmo neste segundo caso, são incapazes de entender o que Zaratustra lhes diz. Isto porque não conhecem a solidão. É na solidão onde o processo de tornar-se si mesmo ocorre. Este processo, por mais que necessite da vida cotidiana para se desenvolver, só pode ser minimamente posto em prática se a solidão for a marca mais radical daquele que o tenta. É na solidão, quando se estás a só consigo mesmo, que é mais difícil mentir. Os pensamentos arrebata e vão a fundo nas questões que nos são mais sérias. As conclusões do pensamento são sempre imprevisíveis. Não são poucas as vezes que nos contradizemos ante aquilo que queremos de fato e aquilo que dizemos querer, isto é, aquilo que gostaríamos de querer. O pensamento é, também, vontade. Ao pensar a fundo, encontra-se a vontade oculta no coração. É, na verdade, a própria vontade que atrai o pensamento para si mesma, mostrando o que ela quer. Cabe ao pensante, ter coragem de afirmá-la e tornar-se si mesmo desta forma. Caso contrário, segue-se outros pensamentos que, no fundo, apenas encobrem nossa impotência em seguir a si mesmo disfarçada de virtude. Nestes casos, não é a força que rege o pensamento e a vontade dominantes, é a fraqueza. A vontade fraca separa, por medo e covardia, a vontade forte daquilo que ela pode. A vontade não mais se afirma na pessoa covarde que, também agora, não é mais um pensante, pois seu pensamento se desligou daquilo que ele pode, por medo das consequências. A solidão atua contra a covardia. É muito difícil ser hipócrita consigo mesmo (hipócrita significa: quando se criam subterfúgios racionais para se negar a verdadeira vontade que pulsa); mas mais difícil ainda é ser hipócrita consigo mesmo e permanecer pensando tais questões que o incomodam. Não sabemos se isto é possível. Sabemos apenas que a grande maioria do tipo covarde e fraco pára de pensar na mesma hora em que sua vontade lhe mostra o quão assustadora ela é. A partir daí, cria-se uma desculpa e não se volta mais a tocar no assunto. Foge-se, então, de toda a solidão, pois ela sempre irá lembrá-lo de sua covardia.

Do espírito de gravidade – Contra o espírito que tudo puxa para baixo, Zaratustra apresenta sua sabedoria das alturas. A sabedoria de Zaratustra ensina, por fim, a voar. A maior altura da vontade atinge cumes e alpes, atinge até mesmo o céu. Torna-se leve. O caminho significa descobrir a si mesmo. “O homem é difícil de descobrir e, mais difícil que tudo,

descobrir-se ele a si mesmo; muitas vezes mente o espírito a respeito da alma. Assim obra o espírito de gravidade. / Descobriu-se a si mesmo, porém, o homem que diz: ‘Este é o *meu* bem e mal.’ Destarte, fez calar a toupeira e anão que diz: ‘Bem e mal para todos.’” Está mais do que claro o que significa seguir a si mesmo e a sua própria vontade, significa, com isto, criar seus próprios valores e, conseqüentemente, sua própria grandeza. “Experimentar e interrogar, consistiu nisso todo o meu caminhar”

Das velhas e novas tábuas – Zaratustra quebra as tábuas de valores antigos e propõe novos. Segue aqui apenas um breve resumo de alguns deles:

2) A moral sempre estipulou o que era o bem e o mal, mas a moral sempre precisou falsificar para fazer valer seus valores. Por isto, Zaratustra diz que “o que é bem e mal, *isso ninguém ainda sabe* – a não ser o criador! / – Mas é tal quem cria um fito para o homem e dá a Terra o seu sentido e o seu futuro: somente ele *faz com que algo* seja bem e mal.” É preciso criar o seu bem e o seu mal, isto é, seus próprios valores.

4) “O homem é algo que deve ser superado. / Muitos caminhos há e modos de superá-lo: a escolha cabe a ti!”

9) A favor do acaso, contra a necessidade. “Outrora, *acreditava-se* em adivinhos e astrólogos; e, por iss, *acreditava-se*: ‘Tudo é destino: deves, porque é inevitável! / Depois, voltou a descreer-se de todos os adivinhos e astrólogos; e, *por isso*, *acreditou-se*: ‘Tudo é liberdade: podes, porque queres!’”

12) “Ó meus irmãos, eu vos consagro e indico uma nobreza: devereis tornar-vos criadores, os cultivadores e os semeadores do futuro – / – não, na verdade, uma nobreza que poderíeis comprar como fazem os merceeiros e com o ouro dos merceeiros: pois tem pouco valor tudo o que tem preço.”

16) “O querer liberta, pois querer é criar: assim ensino eu. E *somente* a criar deveis aprender!”

23) “E reputemos perdido o dia em que não se dançou nem *uma vez*! E digamos falsa toda a verdade que não teve, a acompanhá-la, nem *uma* risada”

25) Ao destruir valores antigos, abre-se o caminho para a criação de novos, são como novas fontes, pois abarcam vontades antes proibidas. Em torno destas novas fontes e valores reúne-se um povo. São experimentadores. “O terremoto revela novas fontes. Ao ruir de

velhos povos, irrompem novas fontes. / E aquele que ali gritar: ‘Eis uma fonte para muitas sedes, um coração para muitos anseios, uma vontade para muitas ferramentas’ – em torno dele reunir-se-á um *povo* – ou seja, muitos experimentadores. / Quem pode comandar e quem pode obedecer – *é isso o que ali se experimenta!* E com que longas buscas e acertos e malogros e estudos e novas tentativas! / A sociedade humana: é uma tentativa, assim eu ensino – uma longa procura; mas ela procura aquele que comanda! – / – uma tentativa, meus irmãos! E *não* um ‘contrato’! Parti, parti tal palavra dos corações sem fibra e dos homens tíbios!”

26) “Os bons *têm* de crucificar aquele que inventa a sua própria virtude! Esta *é* a verdade!”
 “O *criador* é quem eles mais odeiam: aquele que parte tábuas e velhos valores, o destroçador – e chamam-lhe criminoso.”

O convalescente 1 – Um dia Zaratustra acorda aos berros em sua caverna como se tivesse tido um pesadelo. Então, profere um discurso onde clama por seu pensamento mais abismal, que acreditamos ser o eterno retorno. Mas, quando este pensamento chega, Zaratustra tem um ataque de nojo e cai desmaiado. Lembremos que Zaratustra já havia recusado chamar a este pensamento, ele o trazia consigo, mas ainda não o afirmara, pela primeira vez ele chama o eterno retorno, pede por ele, sente-se preparado para tornar-se mestre do grande círculo, mas sofre de algo que, talvez, fosse o que lhe impedisse de tê-lo afirmado antes.

O convalescente 2 – Os animais de Zaratustra tentam reanimá-lo com algumas palavras e ele se alegra com a tagarelice que lhe dizem. Mas, aqui, Zaratustra retoma aquela visão da cobra que morde o pastor. Deixa claro que a cobra que vira mordendo o pastor mordera a ele Zaratustra na garganta e que ele a cuspiu longe. Aqui Zaratustra diz com todas as letras que a cobra significa o cansaço que Zaratustra sente diante da pequenez humana. “O grande fastio que sinto do homem – *isto* penetrara em minha goela e me sufocava; e aquilo que proclamava o adivinho: ‘Tudo é igual, nada vale a pena, o saber nos sufoca’”. Em “Da visão e do enigma” esta cobra aparece logo depois que Zaratustra afirma o eterno retorno, quando faz sumir o anão. Aqui Zaratustra elucida esta visão depois que se sente forte para chamar pelo eterno retorno. Ao afirmar o eterno retorno de todas as coisas, Zaratustra é

forçado a afirmar também o eterno retorno do homem pequeno e mesquinho. É isto que lhe causa tanto nojo, a ponto de quase morrer. “Eternamente retorna o homem de que estás cansado, o pequeno homem’ – assim bocejava a minha tristeza, arrastando da perna e sem poder adormecer”. “—‘Ah, eternamente retorna o homem! Eternamente retorna o pequeno homem!’” “Demasiado pequeno o maior! – era este o fastio que eu sentia do homem. E eterno retorno também do menor! – era este o fastio que eu sentia de toda a existência!” Somente depois de afirmar também o eterno retorno do pequeno homem, Zaratustra se torna mestre do eterno retorno. Para agüentar tal afirmação trágica, os animais de Zaratustra o aconselham a aprender a cantar. É interessante a transfiguração da dor em canto, pois a tendência inicial da alma de Zaratustra é a de chorar. Sua vontade quer elevar o homem à sua máxima potência, mas diante do eterno retorno do homem medíocre e mesquinho ele prefere cantar a chorar, isto é, transfigurar a dor em beleza.

Nota 1: Existe um debate que vê uma contradição entre o pensamento do eterno retorno e o do super-homem. Pois o super-homem precisa dizer não e desprezar aquilo que ama, a saber, os homens, para buscar sua elevação máxima. O super-homem despreza a mediocridade e seleciona a grandeza. Em contrapartida, o eterno retorno significaria a afirmação incondicional de toda a existência, incluindo aí, o homem medíocre. Como o super-homem poderia afirmar o eterno retorno se nega a mediocridade? – A este falso problema, o próprio Nietzsche nos responde com seu conceito de dionisíaco. Em “*Ecce homo*”, após citar um trecho de “Das velhas e novas tábuas, III”, Nietzsche escreve:

“*Mas esta é a idéia mesma do Dionísio* – Outra consideração conduz igualmente a ela. O problema psicológico no tipo Zaratustra consiste em como aquele que em grau inaudito diz Não, *faz* Não a tudo a que até então se disse Sim, pode no entanto ser o oposto de um espírito de negação; como o espírito portador do mais pesado destino, de uma fatalidade de tarefa, pode no entanto ser o mais além e mais leve – Zaratustra é um dançarino –: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o ‘mais abismal pensamento’, não encontra nisso entretanto objeção alguma ao existir, sequer ao seu eterno retorno – antes uma razão a mais para *ser ele mesmo* o eterno Sim a todas as coisas, ‘o imenso ilimitado Sim e Amém’ ... ‘A todos

os abismos levo a benção do meu Sim’... *Mas esta é a idéia do Dionísio mais um vez.*”²

Nota 2: A terceira parte termina então com três cantos em louvor à vida. Assim deve-se superar o nojo, amando a vida e a sabedoria que ensina a viver. Esta sabedoria é a do canto e da dança, da leveza e da beleza. Assim, Zaratustra supera sua tristeza e seu nojo, estando pronto para a última parte, o seu maior perigo.

4ª. e última parte

O sacrifício do mel – Zaratustra ainda aguarda o dia em que o homem se elevará à sua altura. Mas não está descontente ou impaciente. Ele tem certeza que chegará o dia em que um outro mundo será vivido. O mundo e o homem são muito ricos de coisas singulares. Em breve, todas estas singularidades e outras tantas terão livre curso para florescer. Disto, Zaratustra tem certeza.

Zaratustra se apresenta como um pescador de homens, jogando o mel de sua sabedoria e fisingando homens para trazê-los à sua altura. A filosofia se torna política quando a ética se torna uma espécie de alegria, o prazer do crescimento que é capaz de fisingar alguns para fora do rebanho... O que se deve opor ao mundo de uma cultura decadente é a alegria de uma vida plena, a força e a grandeza de uma vontade bem lograda. Isto seduz e muda o curso das coisas. Zaratustra joga a isca de sua ética, para fisingar homens como peixes, certo de que outro tempo virá. “ – a minha própria felicidade arrojado a todas as distâncias e direções, entre a aurora, o meio-dia e o pôr-do-sol, para ver se muitos peixes humanos não aprendem finalmente a dar puxões e sacudidas, presos na minha felicidade–”

O grito de socorro – Em sua caverna, Zaratustra volta a encontrar o adivinho. Aquele mesmo que proferiu a previsão de um niilismo onde nada mais valia a pena. O adivinho do cansaço da vida. Este diz a Zaratustra que veio lhe induzir ao seu último pecado. O último pecado de Zaratustra é a compaixão pelos homens superiores. A miséria e a angústia crescem com a mediocridade da cultura. Zaratustra ama os homens e quer lhes ensinar algo

² Nietzsche, *Ecce Homo*, Assim falou Zaratustra, 6.

maior, mas ao vê-los tão pequenos e descrentes de si mesmos com o fim dos velhos valores e com a fraqueza dos valores modernos, Zaratustra corre o risco de ver seu amor transformado em compaixão. Esta seria sua miséria, por isto, é seu último grande desafio: não sentir pena diante da infelicidade que o homem sente com a mesquinha de seus valores. Zaratustra ouve gritos de socorro nos arredores de sua caverna e parte para ajudar aqueles que pedem ajuda.

Nota: Zaratustra sai à procura dos grandes homens que gritam por socorro, mas encontra apenas caricaturas destes. Encontra homens que já buscaram a grandeza, porém, são decadentes, estão à beira do niilismo, não acreditam mais em suas próprias capacidades, parecem tomados pelos dizeres do adivinho ao proferir que tudo é igual. Estes homens que Zaratustra encontra são: reis (mas hoje, os reis são apenas uma fachada), o homem consciencioso do espírito (que deixa que sanguessugas se apropriem do que sabe), um feiticeiro penitente do espírito (que sabe que fracassou na busca por grandeza), o último papa, o mais feio dos homens (que era, também, o assassino de deus), um mendigo voluntário e sua própria sombra. Todos eles já tinham ouvido falar de Zaratustra e conheciam parte do que havia dito. Porém, não tinham apreendido o sentido de seus ensinamentos, pois continuavam acreditando em valores decadentes. Zaratustra a todos convida para que o esperem em sua caverna, onde, à noite, haveriam de fazer uma festa.

O feiticeiro, 2 – “O dia de hoje é da plebe: quem ainda *sabe* o que é grande, o que é pequeno! Quem buscaria, com bom êxito, a grandeza? Somente um louco: nisso os loucos são bem-sucedidos”.

Ao meio dia – Ainda caminhando pela floresta, Zaratustra resolve dar uma cochilada à sombra de uma árvore, ao meio dia. Diante de um prazer tão simples como um cochilo em um lugar agradável, Zaratustra diz: “Não acabou o mundo de atingir a perfeição?” Zaratustra já havia dito que é preciso muito pouco para alcançar a felicidade. Mas, agora, ele diz que, em verdade, o mínimo, o imperceptível, faz a melhor felicidade. Este ensinamento não provém de uma humildade cristã e inusitada, e sim, do fato de que o mundo é belíssimo e a vida está aí para ser vivida e desfrutada. Para tanto, não se precisa de

muito, pois o mundo está aí para todos que vivem. Basta saber viver. E, tal felicidade, em nada se assemelha àquela pequena felicidade do último homem. Esta pequena felicidade é baseada na busca por segurança devido ao medo de que alguém o moleste. Muitas vezes acredita-se que, para atingi-la, é necessário muito dinheiro e glórias. Esta felicidade de Zaratustra é uma felicidade da plenitude diante de coisas simples e únicas. Diante de prazeres que, por mais que estejam acessíveis a todos, são poucos os que conseguem apreciá-los.

O grande meio dia é o momento de grande tomada de consciência por parte da humanidade a respeito de toda sua mediocridade atual, é uma espécie de ponto de inflexão que Nietzsche espera produzir no mundo a partir de seus pensamentos como o do eterno retorno. A partir daqui, até mesmo os homens cansados dos valores estabelecidos e sofrendores da morte de deus chegam a esta conclusão. O meio dia é este momento onde a humanidade terá que repensar a si mesma e estabelecer o seu futuro.

A saudação – Zaratustra retorna à sua caverna e descobre que o grito por socorro que havia ouvido vinha daqueles próprios homens que já havia encontrado. Eles são os supostos homens superiores. Na caverna, esses homens dizem a Zaratustra que estavam cansados da vida, estavam tomados pelo niilismo e que apenas Zaratustra poder-lhes-ia restituir a força para viver. Zaratustra oferece-lhes segurança e ajuda, mas lamenta que seus ensinamentos tenham atraído os homens fracos e cansados da vida. O próprio adivinho já o tinha alertado para o fato de que os desesperados buscariam Zaratustra e o levariam consigo. As palavras de Zaratustra atingiram, justamente, aqueles que criticara. Os desesperados querem aprender a viver. Mas, Zaratustra se lamenta, pois não é este tipo de companhia de que precisa. Ele sabe que é impossível curar certos tipos de doentes. Zaratustra anseia por outro tipo de homem, homens capazes de querer verdadeiramente aquilo que ele ensina, isto é, perecer em prol do super-homem. Os hóspedes dizem que precisam aprender de novo a ter esperanças, a ter um fito para que possam querer de novo a vida. Mas Zaratustra não acredita na capacidade destes homens cansados ditos superiores. Zaratustra sabe que os homens dos quais precisa ainda estão por vir. Esta parábola mostra bem o estado daqueles que seguem e acreditam nos valores até hoje praticados. Estão cansados, pois esses valores não levam ninguém à grandeza, não respeitam as diferenças entre os homens e não mais se

é capaz de conferir a deus questões como segurança e bem estar, estes chamados grandes homens são a decorrência da morte de deus, quando os valores antigos não mais dão sustentação e os novos ainda estão por serem criados. Zaratustra sabe que esses homens não serão capazes de criar valor algum e estão cansados da vida, são niilistas.

Do homem superior – 1) Ao dirigir a vontade de grandeza para a plebe, esta lhe responde dizendo que todos são iguais, pois não é capaz de reconhecer a grandeza. 2) Com a morte de deus o homem superior pode criar os valores de grandeza necessários para uma elevação. Aquele que cria valores se torna senhor. 3) O anseio de Zaratustra dirige-se não ao homem, mas ao super-homem. Resignação como virtude dos fracos. O homem superior não sabe viver na sociedade moderna, pois tudo é plebe, tudo é igual, homogêneo na mediocridade. 4) CORAGEM!!! 6) O homem deve perecer para que o super-homem viva. Caminho de sofrimento, pois a vida se torna cada vez mais dura. Mas somente assim cresce a força necessária para engendrar o super-homem. Sofremos de nós mesmos, de nossas angústias pessoais, mas não sofremos do homem. Zaratustra sofre do homem, pois quer sua elevação, quer que ele seja superado, quer um caminho de grandeza para este homem, este caminho consiste em ser a ponte para o super-homem. 7) A sabedoria de Zaratustra não deve esclarecer os homens de hoje, deve cegá-los. Tamanha é a diferença do desejo. 8) Não querer acima da própria capacidade. “Porque nada é mais raro e precioso, aos meus olhos, do que a honestidade.” 9) A plebe não usa razões, segue cegamente. Os doutos são estéreis. 11) A vontade não possui motivos racionais, não faz algo “por” ou “para” ou “porque”, ela simplesmente se realiza, expressa a própria potência. O egoísmo criador se expressa em sua própria obra. 13) “Cresce, na solidão, aquilo que cada qual traz dentro de si, inclusive seu animal interior”. Por isto é preciso a solidão. Somente ela é capaz de apontar o caminho de si mesmo.

O canto da melancolia – Quando Zaratustra se cala, sente necessidade de sair de sua caverna para respirar um pouco de ar puro. Neste momento, o feiticeiro se levanta e inicia um canto melancólico, pregador de palavras novamente causadoras de náusea. Os demais hóspedes começam a se deixar levar por tal canto e voltam a se tornar medíocres. São homens cansados após a morte de deus.

Da ciência – Zaratustra volta para a caverna e os homens superiores pedem que permaneça lá, pois sua simples presença afastou de novo o espírito de gravidade. O homem consciencioso diz: “Porque o medo – é o sentimento hereditário e fundamental do homem; pelo medo tudo se explica, o pecado original e a virtude original. Do medo nasceu também a *minha* virtude, que se chama: ciência.” Este homem tem medo de seguir os caminhos perigosos da sabedoria de Zaratustra, prefere a segurança da verdade, para tanto, precisa acreditar na ciência. “O medo, precisamente, dos animais bravios – é esse que há mais tempo se incutiu no homem e inclui o medo do animal que ele esconde em si mesmo e teme – o animal interior, chama-lhe Zaratustra.” Evita-se seguir a si mesmo por medo de seus próprios animais interiores. Mas Zaratustra aparece e diz exatamente o contrário do que estavam dizendo: diz que o homem foi até hoje coragem. “O *medo*, com efeito – é a nossa exceção. Mas coragem, gosto pela aventura, pelo incerto, pelo que ainda não foi ousado – *coragem* parece-me toda a pré-história do homem. / Ela invejou e arrebatou todas as virtudes dos animais mais bravios e mais corajosos; somente então tornou-se – homem. / *Essa* coragem, finalmente afinada, espiritualizada, essa coragem humana com asas de águia e prudência de serpente, essa coragem, ao que me parece, chama-se hoje... *Zaratustra*” Ética é a coragem diante da vida.

O despertar 1 – Depois disto, a sombra faz um canto e todos se põem a rir. Zaratustra alegre-se, pois isto é sinal que estão vencendo a náusea e adquirindo uma forma de vida melhor, embora dificilmente consigam se curar por inteiros. Zaratustra entende que lhes despertou novos desejos e, com isto, um pouco do prazer de viver.

O despertar 2 – Mas, tão logo Zaratustra retorna à sua caverna, eis que encontra todos seus hóspedes de joelhos louvando o burro. O burro profere, logicamente, a sabedoria do asno, que sempre diz sim a tudo. O burro é aquele que nunca diz não, diz apenas sim. Os hóspedes vangloriam isto como se fosse sinal de aceitação a tudo e a todos. Mas, sabemos que, dentro da proposta de Zaratustra, é preciso dizer não e destruir muitas coisas, para que se possa dizer sim e edificar tantas outras. Pode-se apontar aqui o fato de que a afirmação incondicional de todo o dever, proposta pelo eterno retorno, não significa uma dizer sim a

tudo, mas a seleção daqueles capazes de dizer sim à vida. Dizer sim a tudo é uma sabedoria de asnos.

A festa do burro 1 – Zaratustra critica alguns de seus convidados, mas estes, parecem não mais querer o que Zaratustra lhes diz, pois todos acreditam na ressurreição de deus. Se a morte de deus traz um niilismo passivo, estes niilistas não hesitariam em louvar novamente a um deus, bastando que lhes oferecessem um no qual pudessem acreditar. O deus no caso é um burro.

A festa do burro 3 – Mas, após um breve momento de raiva causado pela decepção, Zaratustra se alegra com o rito inventado por aqueles homens e diz que isto é um bom sinal, pois voltaram a estar alegres, mas, principalmente, tornaram-se capazes de criar novamente.

O canto ébrio – Todos que estavam reunidos na caverna de Zaratustra saíram para contemplar a noite. Então, o mais feio dos homens diz que, pela primeira vez na vida, está feliz de ter vivido. Ao afirmar o momento, afirma toda a existência e diz querê-la de novo. Os demais hóspedes tomaram consciência desta mudança e pareceram curados também. Ao afirmarem o eterno retorno, os hóspedes se alegraram com a vida.

Era próximo de meia noite e Zaratustra queria ouvi-la. Enfim, Zaratustra sente-se forte para chamar pelo eterno retorno. Então entoia cantos em louvor a seu pensamento. Nos demais cantos ébrios, Zaratustra fala sobre prazer e dor, de uma forma que se refere ao eterno retorno. O prazer quer a eternidade, quer que ele mesmo sempre retorne. Mas, para que um simples momento retorne, é preciso que todos os demais momentos retornem encadeados da mesma forma como tudo ocorrera antes. Zaratustra canta, mais uma vez, o eterno retorno. Ali, meia noite é, também, o meio dia. Zaratustra comemora com cantos a proximidade de um novo dia, o dia em que o homem será superado. Zaratustra chama por seu pensamento mais abissal, já é capaz de querê-lo e chamar por ele. 10) “um sábio é também um louco”. “Dissestes sim, algum dia, a um prazer? Ó meus amigos, então o dissestes, também, a *todo* o sofrimento. Todas as coisas acham-se encadeadas, entrelaçadas, enlaçadas pelo amor – / – e se quisestes, algum dia, duas vezes o que houve uma vez, se dissestes, algum dia: ‘Gosto de ti, felicidade! Volve depressa, momento!’”, então quisestes a

volta de *tudo!* – tudo de novo, tudo eternamente, tudo encadeado, entrelaçado, enlaçado pelo amor, então, *amastes* o mundo – / – ó vós, seres eternos, o mais eternamente e para todo o sempre; e também vós dizeis ao sofrimento: ‘Passa, momento, mas volta!’ *Pois quer todo o prazer – eternidade!*”

O sinal – Mesmo diante de uma aparente cura de seus hóspedes, Zaratustra diz que não é por eles que espera. Ao acordar, Zaratustra é cercado por inúmeras pombas que o saúdam. No meio destas pombas, Zaratustra encontra um leão e diz que este é o sinal. Estão aproximando-se os homens de que precisa. Ao acordarem, os hóspedes de Zaratustra vão à porta da caverna para saudá-los. Mas o leão ruge e os espanta. Zaratustra pensa sobre o grito que eles acabaram de dar e percebe que era igual ao grito de socorro que ouvira na manhã anterior, quando o adivinho o induziu a seu último grande pecado. Este é o último grande perigo que pode ocorrer a alguém que busca algum tipo de grandeza na vida: se acercar, por compaixão, de pessoas fracas e sem cura, fazendo malograr sua própria tarefa também. Todo o percurso aqui proposto é feito por amor à vida, a si mesmo e ao homem como um todo. Mas, o amor ao homem, que nos faz amar a todos, até mesmo aos piores, não pode permitir que se desvie de sua proposta inicial, qual seja, tornar-se si mesmo e, com isto, uma ponte para o super-homem. Homens que não querem ou não podem tornar-se si mesmos muitas vezes desviam aqueles que podem de seu caminho. Estes últimos, se deixam desviar, quase sempre, por pena.